
MINIS/ÉRIO

Uma Revista Para Pastores e Obreiros



POR UMA CORRETA INTERPRETAÇÃO DO MILÊNIO

DE CORAÇÃO A CORAÇÃO

Cento e cinquenta anos de adventismo

Quando os primeiros adventistas descobriram as verdades do Santuário, há 150 anos, e do Sábado, seu coração se encheu de tanto gozo que saíram compartilhando a nova luz por todo o mundo.

O Evangelho Eterno da tríplice mensagem angélica não somente compreendia a salvação em Jesus Cristo, mas, também, a eternidade dos princípios da Santa Lei de Deus, incluindo a santificação do sábado.

Naquele tempo, existia um contexto especial na América de nossos pioneiros. A grande maioria do povo americano era evangélica. Seus descobridores tinham sido peregrinos. Havia entre eles batistas, metodistas, e outras igrejas cristãs evangélicas. Todos eles conheciam muito bem que a salvação podia ser encontrada unicamente em Cristo.

O que aqueles grupos religiosos da América do século XIX não conheciam era que a salvação envolve também o respeito e a obediência aos eternos princípios da Lei de Deus, registrada em Êxodo 20. Sendo assim, os pioneiros da Igreja Adventista do Sétimo Dia, em sua apresentação do Evangelho Eterno, quase que inconscientemente, deram ênfase ao aspecto do evangelho que era desconhecido naquele ambiente. Eles começaram pregando com força a Lei, o Sábado e a Reforma Pró-Saúde, enquadrados no tema da Segunda Vinda de Cristo. Daí, o nosso nome: Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Mas nossos pioneiros chegaram à América do Sul e aqui a maioria dos habitantes não era evangélica, nem conhecia o fato de que o ser humano pode ser justificado somente por Jesus. A maneira de apresentar-lhes a mensagem deveria ter sido diferente. Primeiro, Cristo. O que Ele fez pelo homem, e o que Ele deseja fazer no homem. Então, posteriormente, poderia ser apresentado o resultado de uma vida salva, ou seja, a obediência aos mandamentos de Deus, incluindo a observância do sábado.

Todavia, no afã de dar a conhecer a nova luz que tinham descoberto no estudo da Bíblia, nossos pioneiros enfatizaram a vida de obediência, e não a causa da obediência. Uma orientação da mensagem correta para o ambiente da América do Norte de 1860 estava fora do contexto na América do Sul, no início do século XX.

Quer isso dizer que devemos ir, agora, ao outro extremo? Evidentemente, não. Temos que continuar pregando a obediência aos eternos princípios da Lei de Deus. Temos que continuar apresentando todas as doutrinas da Igreja, mas tudo isso no marco do Evangelho Eterno, da salvação em Cristo Jesus, e preocupados com a essência das coisas e não simplesmente com o que se vê exteriormente.

Nossa grande preocupação deveria ser permitir que o Espírito Santo reforme o coração da Igreja e não apenas os costumes.

Para que isso aconteça, necessitamos viver vidas em cujo centro esteja Cristo, como causa e efeito de todas as coisas. Necessitamos apresentar doutrinas cristocêntricas, pregar sermões cristocêntricos. Necessitamos, sim, possuir métodos, regulamentos e procedimentos que espelhem os métodos, regulamentos e procedimentos de Cristo.

Somente então passaremos a ser conhecidos como a Igreja evangélica por excelência que sempre fomos. – *Alejandro Bullón.*

MINISTÉRIO

Uma Revista Para Pastores e Obreros

Ano 64 – Número 8 – Mai./Jun. 1994 – Periódico Bimestral
Uma Publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia

DE CORAÇÃO A CORAÇÃO

2 CENTO E CINQUENTA ANOS DE ADVENTISMO

Alejandro Bullón

ENTREVISTA

4 O PÚLPITO MAIS ELEVADO DO MUNDO

Márcio Dias Guarda

ARTIGOS

8 O SABATISMO LEGADO PELOS PURITANOS

Edward Allen

12 POR UMA CORRETA INTERPRETAÇÃO DO MILÊNIO

George W. Reid

18 DISCIPLINA SUAVE E EFICAZ

Robert Bretsch

22 O HOMEM DE DEUS

Matusalém F. Santana

25 AFAM A TRAGÉDIA QUE É FATAL

Suzana Schulz

28 PASTOR PASTOR COM ATITUDE DE OVELHA

Williams Costa Jr.

32 BIBLIOTECA DO PASTOR

Gerente Geral: Carlos Magalhães Borda; **Redator-Chefe:** Rubens S. Lessa; **Redator responsável:** Zinaldo A. Santos; **Diretor de Arte:** Erlo Köhler; **Diagramação:** Josias Silva; **Colaboradores Especiais:** Alejandro Bullón; José M. Viana; **Colaboradores:** Antônio Moreira; Mário Valente; Jefté Carvalho, Moisés Batista de Souza.

Capa: A. Rios

Todo artigo ou correspondência para a Revista **MINISTÉRIO** deve ser enviado para o seguinte endereço: Caixa Postal 12-2600 - 70279-970 — Brasília, DF.

CASA PUBLICADORA BRASILEIRA

Rodovia SP 127 - km 106 - 18270-000 - Tatuí, SP.

1980

O púlpito mais elevado do mundo

O Pastor Márcio Dias Guarda nasceu e se criou em Mogi Mirim, SP. Filho de um pequeno comerciante e líder da comunidade local, cresceu assistindo às discussões sobre política e religião, quase diárias, ali na casa de comércio. Em casa, havia bons li-



vros, muitos jornais e revistas, entre as quais O Atalaia e Seleções. Nesse ambiente, adquiriu cedo o gosto pela leitura e estudos.

Após concluir o teológico, em 1971, trabalhou no Rio Grande do Sul. O começo foi numa série de conferências em Santa Rosa, quase divisa com a Argentina. Seguiram-se pastorados em Taquara, Ijuí e Porto Alegre, durante sete anos, tendo sido ordenado ao final do quarto ano. Depois de um pastorado de dois anos na região da zona leste de São Paulo, veio para a Casa Publicadora.

Fez o mestrado em Teologia com a primeira turma do SALT, tendo concluído no verão de 1983/84. No final de 1985, concluiu o bacharelado em Jornalismo, na Universidade Metodista, em São Bernardo do Campo, SP.

Casado com Evani Marquart da Costa, tem dois filhos.

MINISTÉRIO: *Quando e em que circunstâncias sentiu-se chamado para ser um pastor?*

PASTOR MÁRCIO:

Meu pai era um juvenil, quando o Pastor Jerônimo Garcia dirigiu uma série de conferências em Mogi Mirim, na década de vinte. Desde esse tempo, ficou convicto de que a igreja verdadeira era a Adventista.

Tornou-se um estudioso solitário da Bíblia e assinante da revista *O Atalaia*. Mas só em 1963, com uma série de conferências pelo Pastor Arnoldo Anniehs, a igreja se estabeleceu em nossa cidade e nos tornamos adventistas. Eu tinha apenas 14 anos, mas comecei imediatamente a pregar. Era também o líder dos jovens e professor de uma classe da Escola Sabatina. Fazia tudo isso com gosto e dedicação. Nesse clima, não foi difícil nem traumático, anos mais tarde, abandonar a idéia de ser um engenheiro ou professor e ir fazer teologia.

MINISTÉRIO: *Qual o momento mais feliz do seu ministério pastoral?*

PASTOR MÁRCIO: É difícil tentar eleger "um momento mais feliz". A felicidade de um pastor é feita de pequenos e frequentes milagres, mais do que diários. Por exemplo: Assumir o primeiro distrito e poucos dias depois iniciar uma série de conferências que fora planejada pelo pastor anterior, dei-

xando inclusive o salão alugado e obreiro bíblico contratado. O batismo desse primeiro grupo de conversos em São Francisco de Paula, RS, foi uma vitória.

Outra ocasião agradável: Vestir todos os alunos com um coletinho novo vermelho e boné, sem custo para a escola, e fazê-los desfilar no 7 de setembro como um pelotão que lembrava um avião (era o centenário do nascimento de Santos Dumont) chamando a atenção de toda a cidade.

Só mais uma: Descobrir que um daqueles rapazes de temperamento difícil na igreja é hoje um pastor de sucesso. Isso me aconteceu mais de uma vez.

MINISTÉRIO: *E o mais triste?*

PASTOR MÁRCIO: Não consigo lembrar nenhum que valha a pena mencionar.

MINISTÉRIO:
Como nasceu o redator Márcio Dias Guarda?

PASTOR MÁRCIO: Sempre gostei de ler e de escrever. Isso não é nada especial; deveria ser natural em todas as pessoas, pois são formas de comunicação muito úteis. Sempre tentei utilizar a imprensa local para publicar

notícias e reportagens sobre a igreja e artigos religiosos. De vez em quando, mandava algum artigo para a Publicadora também. Quando surgiu o interesse da Publicadora em me chamar para a Redação, dizia que "tinha pena de quem tinha que viver da pena". Anos depois, veio o chamado e eu o aceitei como um desafio. Hoje, tenho convicção de que Deus guiou tudo pelos melhores caminhos. Gosto muito deste trabalho e acho que posso honrar a Deus através dele.

MINISTÉRIO: *Sobre que temas, especialmente, gosta de escrever?*

PASTOR MÁRCIO: O escritor escreve sobre o que gosta, mas o jornalista (que se parece muito mais com o pastor do que um escritor) é um comunicador social, portanto escreve sobre o que o seu público precisa saber, e até acaba gostando do que escreve!

Se for bem versátil, possuir boas fontes de informação e conhecer as necessidades

do seu público, um jornalista pode escrever sobre quase qualquer assunto, da mesma forma que um pastor quase pode pregar sobre qualquer tema.

Assim, vibro escrevendo sobre temas teológicos, contando histórias para crianças, desafiando jovens a se prepararem melhor para a vida, mas gosto também de fazer uma reportagem sobre a inauguração de uma nova igreja e até de criar uma frase curiosa, comunicativa, com uma pitada de humor, para uma propaganda.

MINISTÉRIO: *Não há muitos livros, nem artigos frequentes em nossas revistas, escritos por redatores locais. Em que consiste o trabalho de um redator da CASA?*

PASTOR MÁRCIO: É... Gastamos 90% do tempo corrigindo e melhorando textos

O jornalista se parece,
muitas vezes,
com um profeta, que
passa a conhecer uma
informação e
deve transmiti-la
ao povo.

dos outros, e muito pouco escrevendo os nossos próprios. Bom para eles, não tanto para nós. Em geral, demora mais corrigir um texto do que se a gente escrevesse outro, do mesmo tamanho, sobre o assunto. Veja como é altruísta nosso trabalho! Faz até lembrar João 3:30!

Nem todos os jornalistas são redatores; alguns são repórteres, outros são editores, e há outras funções. Mas aqui na Casa Publicadora não há essa divisão de funções; todos fazemos um pouco de tudo, e a produção criativa acaba sendo menor do que todos gostaríamos de ter. Para a maioria de nós, as idéias estão lá, reprimidas, querendo sair da mente para o papel, esperando apenas um desafio ou oportunidade.

MINISTÉRIO: *Planeja escrever algum livro?*

PASTOR MÁRCIO: Sim. Mais de um. Mas não adianta falar sobre planos.

MINISTÉRIO: *Recentemente o senhor participou de um congresso mundial de redatores. Qual a importância desse encontro para a Obra de Publicações, e para o senhor em particular?*

PASTOR MÁRCIO: O Congresso Mundial de Redatores Adventistas foi realizado

em Frankfurt, Alemanha, de 11 a 17 de outubro do ano passado. Estiveram presentes cerca de 70 redatores, representando quase todas as editoras adventistas do mundo. Foi uma oportunidade para trocar experiências sobre questões variadas como: métodos para descobrir novos escritores, fontes de informações (principalmente os novos bancos de dados informatizados), co-edições entre duas ou mais editoras adventistas, como escrever de maneira interessante para as mentes secularizadas, o manejo de temas polêmicos, etc.

Foi uma excelente oportunidade para aprender muitas coisas e também para informar sobre as soluções praticadas aqui no Brasil, já que a nossa está entre as três maiores editoras adventistas.

MINISTÉRIO: *Como deve situar-se o redator em relação à igreja e à liderança da Obra?*

PASTOR MÁRCIO: Esse foi exatamente um tema discutido no Congresso de Frankfurt. O jornalista se parece, muitas vezes, com um profeta, que passa a conhecer uma informação e deve transmiti-la ao povo. Depois de assegurar-se de que a informação é verdadeira e de que o público necessita recebê-la, sobra-lhe o problema crucial: como expressá-la de forma adequada, já que, algumas vezes, essa verdade pode ameaçar a liderança dominante, e outras vezes pode alarmar desnecessariamente a massa. Até Cristo, que sempre enfrentou essa situação com maestria, sofreu algumas conseqüências. Portanto, é de se esperar que até o comunicador adventista, vez ou outra, tenha diante de si esse conflito de interesses, o qual terá de administrar com a ajuda divina e uma boa dose de prudência.

MINISTÉRIO: *Não estando em contato direto com as pessoas, como um redator mantém aceso o seu amor pelas almas e o sentido de missão?*

PASTOR MÁRCIO: O redator adventista é geralmente um pastor experiente, que se mantém ativo na igreja, pregando e partici-

pando de toda a programação; vez ou outra é convidado a dirigir semanas de oração ou participar de outras reuniões fora da igreja local. Mas é principalmente pelas cartas que recebe dos leitores que ele pode medir a repercussão dos seus textos. Cada carta vale por milhares de leitores que pensaram da mesma forma, mas não tiveram a iniciativa de escrever. Douro lado, um pouco mais de informações sobre o movimento ministerial e a chance de assistir a pelo menos um concílio por ano com os demais pastores, seria também saudável. Eu, pelo menos, acho falta daqueles maços de circulares que recebia quando estava no campo!

MINISTÉRIO: *Geralmente um pastor diz que o momento mais significativo de seu trabalho é quando batiza alguém. E, quanto ao redator, qual a atividade que produz um maior sentido de realização pessoal?*

P A S T O R

MÁRCIO: A mesma coisa. O redator fica feliz quando vê o seu trabalho realizado (quando o seu texto sai numa revista com grande tiragem) da mesma forma que o pastor quando faz uma conferência evangelística para um grande

auditório. É uma bela sementeira. O crescimento e a colheita, num caso e noutro, é obra do Espírito Santo. Portanto, o redator também fica feliz quando descobre que o pastor batizou alguém que fora impressionado pelo seu texto. Mas tem a consciência de que trabalhando com sementeira em muito maior escala que um pastor não tem como acompanhar a sega. Acho que as maiores surpresas estão reservadas, tanto para o pastor como para o redator, lá no Céu. Os resultados hoje perceptíveis não passam de amostras.

MINISTÉRIO: *Se tivesse de assumir novamente um distrito, com a visão adquirida como redator, o que faria diferente do que fez anteriormente?*

PASTOR MÁRCIO: Eu já usava, naquela época, os meios de comunicação; agora, usaria muito mais e melhor. Estou convencido de que (fazendo um trocadilho com a

conhecida frase de E. G. White) serão, cada vez mais, "a chave nas mãos da fé para abrir os corações". Especialmente a imprensa secular (que tem maior penetração e credibilidade que a denominacional) está aí disponível para publicar (de graça!) bons textos de autores cristãos. Dou um exemplo: quando saiu um texto meu no jornal *O Estado de S. Paulo*, faz alguns anos, sua mensagem foi lida por nada menos que seiscentas mil pessoas. De que outra maneira poderia ter pregado a mesma mensagem a tantas pessoas?

MINISTÉRIO: *Como vê o adventismo, 150 anos após o seu surgimento?*

PASTOR MÁRCIO: Com gratidão, porque me atingiu também com a mensagem salvadora, assim como a milhões nesses 150 anos. Vejo também com alguma preocupação pela dificuldade de coordenar uma ação evangelizadora mais abarcante. Vejo ainda como um enorme potencial que deve liberar toda a sua energia quando aprender a usar os recursos atuais da comunicação sob o poder do Espírito Santo.

MINISTÉRIO: *Pelo menos um historiador denominacional argumentou que os grandes movimentos tradicionais enveredaram pelo secularismo, após 150 anos de existência. Isso traz alguma preocupação?*

PASTOR MÁRCIO: Sem dúvida, e até acho que começamos a enveredar pelo secularismo antes de completar 150 anos. Reverter essa tendência, só por um milagre do Espírito Santo. E é esse milagre que devemos permitir, primeiro individualmente em nossa vida, depois, como organização. Quanto mais demorar esse epílogo, mais temerário e doloroso.

MINISTÉRIO: *Como avalia o Projeto Missão Global?*

PASTOR MÁRCIO: Abracei-o com muita esperança, tenho acompanhado alguns relatórios, mas não estou sentindo seus efeitos em nível de igreja local. Gostaria que alguém dissesse que estou enganado.

MINISTÉRIO: *A colportagem continua plenamente identificada com a missão evangelizadora?*

PASTOR MÁRCIO: Não me arriscaria a afirmar que não. Mas é preocupante notar que a média de vendas, em todo o Bra-

sil, não chega a 300 mil volumes por ano, se computarmos os últimos sete anos, que são os últimos dados que tenho em mãos. Como são 30 milhões de lares no Brasil, a colportagem teria que ser cem vezes mais eficiente para colocar um livro adventista, por ano, em cada lar. Outro problema é a proporção crescente dos livros não-religiosos nesse montante. Não se vende mais *O Grande Conflito* e *Vida de Jesus* como antigamente.

MINISTÉRIO: *Que mensagem gostaria de dar aos leitores de MINISTÉRIO?*

PASTOR MÁRCIO: Quero apenas recordar a frase de Ellen G. White em *Evangelismo*, pág. 161: "Há grande necessidade de homens capazes de servir da imprensa com o melhor proveito, para que à verdade sejam dadas asas que a levem depressa a toda nação, e língua e povo."

E um pensamento do Pastor Robert Pier-son (que, quando presidente da Associação Geral, além de livros, escrevia artigos até para os boletins das Associações e Missões): "A imprensa é o púlpito mais elevado do mundo. Por ela se pode chegar a muitíssima gente. Por outro lado, a palavra escrita está investida de uma autoridade que a palavra falada não tem."

O ministério da escrita não tem a animação dos cultos religiosos. Não há um suave coral por detrás do escritor, nem nenhum símbolo cristão sobre a máquina de escrever, nem vitrais coloridos no seu escritório. Também não acontece o desfile de ouvintes solícitos que chegam às oito em ponto com um elogio: "Mas que belo artigo, esse de hoje!"

Escrever é uma atividade solitária, difícil, freqüentemente não apreciada. É mais fácil qualificar alguém como embaixador de Cristo quando está atrás de um púlpito pregando ou na calada da noite aconselhando a um casal em vias de separação do que quando está assentado a uma escrivaninha procurando a palavra certa, refazendo um parágrafo ou piedosamente chocado pela situação do mundo. Mas escrever é um ministério, e tremendamente importante. — Donald Yost, *Writing for Adventist Magazines*, págs. 20 e 21.

O sabatismo legado pelos puritanos

EDWARD ALLEN

Doutor em Ministério, é pastor da igreja do Hospital Adventista de Hong Kong.

Quais são as raízes da moderna observância do sábado? Por que existem diferenças culturais nesse sentido? Porventura foram mudados os padrões sabáticos, com o passar do tempo?

O modelo de observância do sábado, verificado entre as famílias americanas adventistas do sétimo dia, tem sua origem no fim dos anos 1500, durante o movimento reformador puritano da Inglaterra. Pastores piedosos, buscando guiar seus paroquianos a uma experiência de religião interior, em lugar de mera formalidade, insistiam na importância da piedade pessoal. Os Dez Mandamentos tornaram-se a pedra de toque para a reforma da moralidade. Ao lado disso, floresceu um movimento para resgatar o respeito pelo domingo, como dia de descanso.

Nicholas Bownde, pastor de uma pequena igreja interiorana, pregou uma série de sermões a respeito do descanso sabático, e os membros de sua congregação incentivaram-no a publicá-la. O resultado foi o livro intitulado *The Doctrine of the Sabbath* (A Doutrina do Sábado), que se tornou muito popular. Muitos leitores resolveram, pela primeira vez, separar um período de 24 horas para comungar com Deus.

Proibições sabáticas não foram a maior preocupação de Bownde. Pelo contrário, ele orientou no sentido de se preencher o dia com exercícios espirituais que acentuariam a santificação. As proibições eram apenas uma maneira de determinar tempo para as atividades espirituais. Bownde atacou as recreações públicas, e divertimentos, no domingo, em virtude de que tais práticas prejudicavam os serviços de culto nas igrejas. Em

lugar disso, ele insistiu para que homens e mulheres levantassem cedo no domingo, para que se dedicassem à oração e se preparassem para a proclamação da Palavra de Deus. Bownde ensinou que as horas do domingo, fora das reuniões, deveriam ser usadas em testemunho pessoal, estudo da Bíblia, pessoalmente ou em grupos, e auxílio aos necessitados.

O livro de Bownde ficou famoso na Inglaterra. As leis do país já incluíam censuras contra muitas atividades realizadas no domingo, e a cruzada puritana inspirou as autoridades a tornarem-nas mais estritas ainda. A oposição surgiu forte em muitos lugares. O Rei Tiago, em 1617, publicara um panfleto de quatro páginas intitulado *The Book of Sports* (O Livro dos Esportes), no qual argumentava que a recreação era permitida nas tardes domingueiras. Quando o Rei Charles reimprimiu o folheto em 1637, o arcebispo ordenou que fosse lido em todas as igrejas. Muitos pastores puritanos recusaram-se a cumprir a ordem e perderam seus fiéis.

Pastor castigado

O Pastor Henry Burton não apenas deixou de ler o folheto, como também pregou dois sermões contra ele. Segundo o seu ponto de vista, o decreto do monarca contrariava o 4º mandamento. O arcebispo, com o apoio das autoridades, invadiu a sua casa, examinou seus apontamentos e o prendeu. Burton foi torturado e condenado. Depois de sofrer muitas humilhações, teve as orelhas cortadas e foi sentenciado à viver numa masmorra do Castelo de Lincoln.

Cem mil pessoas, no entanto, saíram em sua defesa.

Quando as forças puritanas conseguiram vantagem na Inglaterra, Burton foi libertado e o Parlamento tratou de reformar a Igreja.¹ O descanso dominical ganhou um lugar especial na Confissão de Westminster, a qual declara que Deus separou um dia em sete para guardá-lo santo para Ele. As palavras da confissão estabelecem de maneira muito clara e inquestionável:

“Este sábado é então guardado santo para o Senhor, quando homens, depois de um devido preparo de seus corações, e ajuste antecipado de seus afazeres comuns, não apenas observam um santo repouso, durante todo o dia, de seus próprios trabalhos, suas palavras e pensamentos a respeito dos negócios terrenos e recreações, mas também ocupam todo o tempo em exercício público e privado de louvor a Deus, e nos deveres da graça.”²

Esse conceito de observância sabática na Confissão de Westminster tornou-se o ideal dos protestantes de fala inglesa e, posteriormente, dos adventistas do sétimo dia.

Descanso sabático americano

Os puritanos que ressuscitaram os padrões da observância sabática na Inglaterra, importaram ainda mais rigorosas práticas para a América. Todas as colônias eventualmente aprovaram a legislação de repouso no domingo, mesmo a religiosamente tolerante Rhode Island.

O caso da Pensilvânia é único. Os Quackers, que fundaram a colônia, teologicamente repudiaram a observância sabática. George Fox, o fundador da Sociedade de Amigos (Quackers), considerou iguais todos os dias. Não obstante, os próprios Quackers foram sabatistas, na prática. Eles sentiam a necessidade de reservar tempo para repouso e louvor, e escolheram o “primeiro dia” para essas atividades.

As leis em Massachusetts e em Connecticut eram especialmente inflexíveis. Em Massachusetts, era ilegal caminhar nas ruas ou parques, exceto para ir à igreja. Havia uma penalidade para as crianças que brincassem

no “dia do Senhor”. Nas duas colônias o povo era incentivado ao louvor congregacional. O repouso dominical era executado com um considerável grau de rigor. Um homem, chamado Natanael Mather, chegou a confessar que, quando criança, cometera um grande pecado – assobiou no dia santo. Outros foram penalizados por arrumar o cabelo, carregar lenha, ou viajar “desnecessariamente”.

A severidade das leis dominicais na Nova Inglaterra era tão intensa, que não faltaram histórias verdadeiramente folclóricas a seu respeito. Conta-se, por exemplo, que um marinheiro chamado Thomas Kemble foi castigado num cepo, simplesmente por haver beijado sua esposa que foi recebê-lo, no dia do Senhor, quando voltava de uma viagem que durou três anos. É provável que essa história tenha sido inventada por um polemista anglicano o qual falsamente noticiara que tais atitudes eram contrárias à lei. Um outro conto ridiculariza as autoridades de Connecticut por prenderem John Lewis e Sarah Chapman. Eles teriam cometido o pecado de sentarem juntos sob uma macieira, no domingo. O que não é relatado é a preocupação geral dos pais de Sarah e das autoridades sob a inconveniência do relacionamento.³

Um exemplo do ensinamento puritano sobre o dia de repouso vem de Jonathan Edwards. Em seu sermão sobre “A Perpetuidade e Mudança do Sábado”, Edwards não se contenta apenas em apresentar o assunto. Ele o conclui com uma prolixa exortação à

Nos dias da colonização americana, as leis dominicais eram extremamente severas, impondo penalidades drásticas aos transgressores.

uma adequada observância do dia sagrado. Não o vê como um ressequido e enfadonho dia, mas afirma ser ele “um dia de regozijo; Deus o fez para ser um dia alegre para a igreja... O sábado cristão é um dos mais preciosos deleites da igreja visível”. Todavia, observá-lo como santo, é algo que Deus “certamente requererá... de nós, se não o fizermos estrita e conscienciosamente. Mas, se assim o reverenciarmos, teremos Seu conforto e estaremos no caminho de Sua aceitação e recompensa”. Para Edwards, está claro que a observância sabática é um requerimento de Deus para o Seu povo. Edwards promete ainda a seus ouvintes, em termos reminiscentes dos rabis judeus, que

se eles observarem o dia do Senhor mais estritamente, e cumprirem seus deveres de maneira mais solene, estarão manifestando grande respeito a Deus. Isso é quase uma prescrição detalhada de restrições; do tipo que até mesmo proíbe assobiar.⁴

Wesley e o sábado

John Wesley possuía uma visão igualmente ortodoxa sobre o sábado. Em um boletim de três páginas, intitulado *Uma Palavra aos Transgressores do Sábado*, Wesley enfatiza que este não é um dia do homem, mas de Deus. Deus o requer, não para Seu benefício próprio, mas para o benefício daqueles que O servem. Ele diz a seus leitores: “Para tua própria segurança, Deus, que te dá todas as coisas, requer uma parte do teu tempo.” Se as pessoas não atendem a esse pedido divino, prejudicam-se a si mesmas; pois este é um dia de graça especial. “O Rei do Céu, agora sentado em Seu trono de misericórdia, de um modo mais gracioso que nos outros dias, outorga bênçãos a todos os que o observam... Levanta-te! Ergue-te! Permite que Deus te abençoe! Recebe o sinal do Seu amor!” As bênçãos que Ele oferece incluem paz, alegria, amor, e “refrigério para os temores, dúvidas e mágoas do coração”. Atenção aos negócios terrenos e divertimentos fúteis desapontam o desígnio do amor de Deus. Assistir aos serviços de culto em Sua casa é comungar com Ele.

Wesley encorajou seus leitores a “aproveitar o máximo do repouso do dia, quer refletindo nas mensagens recebidas, lendo as Escrituras, orando, ou testemunhando”. Se alguém emprega o tempo que sobra, em passeios nos parques, ou diversões menores, desperdiça os talentos e deslavada desonra é manifestada contra Deus e Sua autoridade. Wesley lembra ainda os juízos de Deus sobre aqueles que profanam o Seu dia, ainda na Terra, e argumenta que eles são apenas gotas da tempestade de ardente indignação que finalmente consumirá Seus adversários. Wesley conclui com o pensamento

mórbido de que “Seu dia de vida e graça está quase esgotado. A noite de morte está às portas. Apressemos em usar o tempo de que dispomos; aproveitemos as últimas horas do dia de Deus”.⁵

A impressão deixada por esse trabalho é muito diferente daquela deixada pelos primeiros puritanos. Eles descobriram na observância sabática uma bênção especial que estavam ávidos para partilhar. Wesley revela a consciência dessa bênção, mas para ele o sábado não era algo para ser descoberto, mas para ser cumprido. É algo que Deus requer, e a resposta humana adequada é colocar-se sob a autoridade divina, livrando-se do julgamento e da perda da vida eterna.

Legalismo

Era Wesley um legalista? Sua experiência com Deus era muito profunda, todavia seu conceito do sábado, tal como Jonathan Edwards, pendia para o legalismo. Ambos o viam mais como um requerimento do que significando liberdade. Nesse ponto, eles parecem refletir a mentalidade cultural da época.

Uma das resoluções de Edwards era “jamais proferir qualquer coisa frívola ou assunto de riso, no dia do Senhor”. Essa atitude fez com que alguns críticos se referissem zombeteiramente ao mandamento, dizendo:

“Lembra-te do dia do sábado para o santificar *melancolicamente*.” Certo escritor chegou a afirmar que os puritanos haviam transformado o alegre dia sabático num triste dia de inanição, ao ensinarem que era pecado caminhar ou colher uma flor durante o mesmo.

O sábado cristão
é um dos mais
preciosos deleites
da igreja visível.
Deus o instituiu como
um dia de louvor
e alegria.

Sabatismo moderno

No início do século XIX, junto com o segundo grande desapontamento na América, veio um reavivamento do interesse na observância o dia do Senhor. Surgiu então uma preocupação a respeito da frouxidão no trato “adequado” a esse dia, construída sobre dois fatores. Primeiro, a massiva imigração europeia. Novos imigrantes observavam o

“domingo continental”, que era consideravelmente mais liberal que a estabelecida visão do descanso dominical. Os cristãos americanos tradicionais sentiram que essa observância frouxa se tornaria a norma nacional. O segundo fator diz respeito ao fato de que aconteceram notáveis avanços na indústria, na tecnologia e nos transportes. Tanto na Inglaterra como na América, a discussão principal era sobre as transportações públicas durante o domingo. Muitas vezes foram ouvidas advogando a sua interrupção. Líderes de igrejas conservadoras se opunham à abertura de museus no dia sagrado. Muitos condenavam também a publicação de jornais nesse dia.

No início de 1848, houve forte oposição contra o estabelecimento de uma legislação dominical. Um congresso no qual se discutiu a questão foi realizado naquele ano, em Boston. Os que estiveram presentes sentiram que não haviam sido ensinados a guardar o domingo livremente, mas como um dever imposto. Faziam-no por obrigação, não por amor. Acabaram rejeitando o dia, como sendo escuro, insípido e desagradável. William Lloyd Garrison afirmou que “não é a letra da observância que de nós é requerida, mas o espírito de um coração e vida que consagram todas as coisas à Deus e ao benefício da humanidade”. Por sua vez, um homem chamado Browne procurava justificar sua infidelidade à observância do domingo, argumentando que o que importava era a religião interior.⁶

O individualismo religioso eventualmente levou não somente à rejeição da maioria das leis dominicais, mas à negligência da própria instituição durante os próximos 100 anos.

Alegrias e tristezas

Muitas pessoas na igreja permaneciam muito severas quanto ao que era proibido fazer no dia do Senhor. Laura Ingalls Wilder, conta como sua bisavó retornava da igreja para casa e passava as tardes de domingo lendo o catecismo. Certo dia, quando ela e seus irmãos fugiram sorrateiramente para montar um novo trenó, foram descobertos quando atropelaram um porco que ia

passando. Seu pai não os castigou de imediato, porque o domingo ainda não havia terminado. Depois, no entanto, a punição foi rigorosa.⁷

A literatura protestante daquele tempo revela significativas discórdias sobre se as crianças deviam brincar ou não, durante as horas sagradas. Alguns achavam que jogos especialmente preparados para a ocasião eram aceitáveis. Outros proibiam qualquer tipo de brincadeira. Enquanto o descanso sabático puritano foi fortemente atacado, de um modo geral, permaneceu o respeito à

maneira de os cristãos agirem. Muitos poemas exaltavam as glórias e as bênçãos sabáticas. Os hinos “Salvos através de outra semana” e “Ó dia de repouso e alegria” foram escritos sobre o domin-

go para celebrar as alegrias de sua observância.

Nesse ambiente foi que a observância do sábado, segundo os adventistas do sétimo dia, se desenvolveu. E está muito claro, na literatura dos primeiros adventistas, que eles transferiram do domingo para o sábado os padrões comuns ao mundo protestante conservador. Eles também herdaram as lutas para manter a santidade do dia, sem cair no legalismo. A princípio, o legalismo era o principal perigo. Hoje, é possível que o descuido e a negligência roubem-nos a paz e o repouso que resultam do ato de empregar tempo no “lugar de encontro entre Deus e o homem”.

Referências

1. Kenneth Parker, *The English Sabbath*, Cambridge, 1988, págs. 178-219; Winton U. Solberg, *Redeem the Time*. Cambridge, 1977, págs. 77-80, e 157-159.
2. *Confissão de Fé de Westminster*, XXI, cap. 7 e 8.
3. Winton Solberg, *Op. cit.*, págs. 193, 195, 229-232, 251 e 252, 263, 265-268, 169 e 170, 276-269.
4. Jonathan Edwards, *The Works of President Edwards*, Nova Iorque, 1852, Vol 6, págs. 632-633.
5. *The Works of John Wesley*, Grand Rapids, MI; Zondervan, 1958, vol. 11, págs. 164-166.
6. *Proceedings of the Anti-Sabbath Convention*, págs. 47, 29 e 33.
7. Laura Ingalls Wilder, *Little House in the Big Woods*, Nova Iorque, 1932; reimpresso em 1971, págs. 83-96.
8. Wilbur Crafts, *The Sabbath for Man*, Nova Iorque, 1885, pág. 412.

Por uma correta interpretação do Milênio

GEORGE W. REID

*Diretor do Instituto de Pesquisas Bíblicas
da Associação Geral*

As questões levantadas sobre os 500 Anos do descobrimento da América, comemorados em 1992, acabaram trazendo à tona alguns aspectos importantes para reflexão. Enquanto pensadores queimavam efígies de Cristóvão Colombo, em demonstrações politicamente corretas; o papa propositadamente passava por alto a inauguração do Palácio Memorial Colombiano, altamente construído em São Domingos; e réplicas das três naves de Colombo cruzavam os mares da Europa e da América, estudiosos aprofundavam-se nos motivos que respaldaram a histórica aventura.

Ao lado das corriqueiras explicações, tais como a busca de rotas comerciais e amor à aventura, novos motivos começaram a surgir. O mais significativo entre eles é de caráter religioso. É sobejamente conhecida a insistência de Colombo para que um sacerdote o acompanhasse, e onde quer que chegasse tratava de atribuir um nome religioso aos acidentes geográficos. São Salvador, por exemplo, foi a primeira ilha onde ele e sua tripulação aportaram. Montanhas e baías receberam nomes de outros santos católicos.

Todavia, bem menos conhecidos são o misticismo de Colombo, sua fascinação por profecias, e seu sonho de um reino mundial marcado pela justiça e piedade. Hoje sabemos que, embora uns poucos comerciantes apoiassem seu projeto, e o Rei da Espanha apreciasse a extraordinária contribuição que ele daria ao conquistar novas terras para o reino, foi o apelo religioso que finalmente conquistou o apoio da católica Rainha Isabel para suas idéias.

Qualquer pessoa que pesquisar o diário das naves de Colombo vai se deparar com as provas desta visão religiosa. Para ele, os nativos, completamente nus e vivendo precariamente, poderiam se tornar cidadãos do vindouro reino cristão. Esse era o alvo trans-

cedente, superando mesmo a busca pelo ouro e pela prata.

Agora é possível compreender quão fortemente a visão mundial de Cristóvão Colombo dependia do pensamento de Joaquim di Fiore (1135-1202), expoente bíblico medieval, cujas interpretações proféticas ajudaram a identificar o chifre pequeno do livro de Daniel, como o papado. O ideal de Fiori, relacionado com um reino divino mundial, espelhava o pensamento de Agostinho, de um milênio terrestre de progresso espiritual. Essa visão foi transmitida a Colombo. Por conseguinte, ele via-se como um servo de Deus, designado para ser Seu agente na construção de um milênio sobre a Terra, à qual Cristo eventualmente retornaria para estabelecer-Se como Rei dos reis.

A importância da profecia para os adventistas

Como todos nós sabemos, não apenas existe uma discussão bíblica substancial de um reino porvir, mas também há um ensinamento acerca de um extraordinário período de mil anos, no qual o reino de Deus se tornará triunfante de fato. Histórica e teologicamente, os temas do Messias, do Remanescente Fiel, do Reino, do Juízo e da consumação de todas as coisas estão de tal maneira entrelaçados, que falar de qualquer um deles significa necessariamente considerar todos eles. São os tijolos da Escatologia judaica e cristã.

Para nós, os adventistas, eles penetram o coração de nossa identidade e missão. Mas, talvez alguém pergunte: Porventura, tais assuntos não desviariam nossa atenção de outros fundamentos, tais como, quem é Deus? Por que estamos na presente condição? Como Deus nos salva? Todos esses assuntos são componentes importantes da revelação, mas outros cristãos também falam a seu res-

peito. Nossa identidade aceita todos esses temas, mas os coloca numa moldura específica do tempo do fim; tão vital, que nela reside nossa verdadeira missão.

Sempre que negligenciarmos esta especial colocação, apenas repetindo os mesmos temas enfatizados por outros, depreciamos a razão da nossa existência. O evangelho não é apenas uma verdade eterna. É a verdade presente, especialmente quando apresentado no contexto da restauração final de todas as coisas à harmonia com o caráter de Deus.

O milênio bíblico

Inserido no feixe teológico mencionado, nós encontramos o ensinamento do Milênio. Surpreendentemente, apenas poucas passagens das Escrituras fazem referência direta a ele, sendo a mais completa o capítulo 20 do livro de Apocalipse. Os evangelhos nada dizem a respeito, e Paulo o menciona apenas superficialmente. Temas correlatos, como o julgamento e a consumação final, aparecem na Bíblia, mas as passagens que tratam especificamente dos mil anos são poucas.

Entre as poucas referências teológicas adjacentes, está aquela na qual Paulo menciona a ressurreição dos mortos "ao soar a última trombeta" (I Cor. 15:51-55). Embora ele não faça aí nenhuma menção sobre o retorno de Jesus, ocupando-se apenas do triunfo sobre a morte, claramente assume que a igreja de Corinto tinha conhecimento do que ele havia escrito aos tessalonicenses (I Tess. 4:13-18; II Tess. 2:1-12), onde a vinda de Cristo aparece como o evento central, em torno do qual outros acontecimentos, como a ressurreição, estão agrupados.

Sabemos que Paulo dedicou 18 meses em Corinto, estabelecendo a congregação (Atos 18:11), e parece impensável que a verdade central da volta de Jesus não estivesse atrás do que ele diz aos cristãos coríntios. Paulo se refere ao reino (Col. 1:12-14) e à nossa cidadania nesse reino como um dom de Cristo. Mas, em nenhum lugar ele faz qualquer ligação disso com um período específico de tempo.

O apóstolo Pedro leva-nos muito perto da descrição de Apocalipse 20 (II Ped. 3:1-13). Segundo a observação de eruditos, Pedro move-se numa linguagem já existente na antiga literatura judaica. Neste assunto, muitos críticos literários argumentam que ele, ou

quem quer que tenha sido o autor da passagem, também foi dependente do apocalíptico judeu. Como adventistas, rejeitamos essa idéia e tratamos o livro como um conteúdo revelado, embora Pedro tenha usado claramente certas figuras contemporâneas para apresentar a verdade de Deus. O mesmo se aplica aos paralelos da epístola de Judas.

Em II Pedro 3:8, encontramos duas referências a mil anos, ambas no mesmo versículo. No entanto, o propósito é claramente retórico e não histórico. Ao dizer que "para com o Senhor, um dia é como mil anos, e mil anos como um dia", Pedro simplesmente acentua a verdade que Deus está acima do tempo, ao contrário da nossa experiência humana. Esse verso, entretanto, tem dado lugar ao surgimento de uma espantosa variedade de esquemas, baseados na alegação de que aqui o apóstolo dá a fórmula para a interpretação das muitas referências bíblicas feitas a dias, em muitos casos completamente fora de qualquer aparente declaração profética.

Um exemplo disso é a alegação de que os dias da criação devem ser interpretados como sete períodos de mil anos. Mesmo antes da Era Cristã, judeus apocalípticos brincavam com idéias semelhantes.

Pedro reúne dentro de uma passagem todos os elementos básicos para a descrição de João em Apocalipse 20. Mas o tratamento que ele dispensa é rápido, como se estivesse revisando uma série de verdades já conhecidas dos seus leitores. Essa passagem, entretanto, é uma ajuda significativa no sentido de integrar os elementos essenciais para a compreensão de Apocalipse 20.

Adventismo e pré-milenialismo dispensacional

É desnecessário revisar aqui detalhes de como a doutrina do milênio é tratada por outros grupos. Todavia, apenas de relance, lembramos que os pré-milenialistas argumentam que a vinda de Cristo inicia um período de mil anos, durante o qual Ele reina como Soberano. Os pós-milenialistas vêm o retorno de Cristo seguindo-se aos mil anos de paz, nos quais a Terra torna-se preparada para recebê-Lo. O problema desse conceito reside em determinar quando começa o período; questão que os pré-milenialistas resolveram estabelecendo o retorno Jesus Cristo como sendo literal.

Os adventistas do sétimo dia e os pré-milennialistas se separam justamente na confluência da nossa compreensão sobre o que ocorrerá durante o milênio. Em contraste com as idéias de um reino terrestre, nós aceitamos a conclusão a que chegaram Pedro e João, isto é, a de que com o aparecimento de Cristo sobrevirá a destruição massiva da Terra bem como a ressurreição dos santos. Esse acontecimento torna o planeta inabitável e, conseqüentemente, um apropriado lugar para o confinamento de Satanás. Para os apóstolos Paulo e Pedro, especialmente o primeiro, a ressurreição é imediatamente seguida da ascensão dos santos, os quais, segundo o Apocalipse, “viveram e reinaram com Cristo durante mil anos” (Apoc. 20:4). Portanto, é num reino celeste que os santos passam o milênio.

Então o vidente de Patmos impulsiona nossa compreensão para os eventos que se seguem. Os ímpios são destruídos no “lago de fogo preparado para o diabo e seus anjos”. Posteriormente vemos uma Nova Terra “em que habita a justiça”.

Finalmente, todo o Universo está em harmonia com Seu criador. O trauma do pecado passou e as portas estão fechadas para o mal. Começa a eternidade, e Deus habita com Suas criaturas. Esta figura constitui-se a mais perfeita compreensão da visão adventista do mundo. Depois da tempestade de fogo, os redimidos pela cruz experimentam uma intimidade com Deus que alcança a plenitude de suas capacidades. Aí, em um ambiente perfeitamente novo, nós nos tornamos abertos ao ilimitado desenvolvimento da inteligência, ao perpétuo crescimento através da eternidade. Nessa visão, a mensagem adventista é única.

Milênio ou milenialismo

Vale a pena lembrar que, durante o milênio, serão realizadas as atividades de investigação e vindicação, primeiro do caráter e das ações de Deus; depois, dos redimidos que afinal refletem perfeitamente Seu caráter. Eles olham Seu semblante, e se sentem bem-vindos. E cada questão humana está resolvida.

Como sabemos, o significado de certas palavras depende do momento. A palavra “fundamentalista”, por exemplo, passa por uma transição. Em lugar de sua antiga aplicação, ligada a pessoas dedicadas, sérias e

caracterizadas pela piedade, não raro está relacionada a extremistas que a utilizam para alcançar objetivos questionáveis.

Semelhantemente, a palavra “milenialismo” adquiriu novos parâmetros. Em lugar de uma simples referência ao ensinamento bíblico do período dos mil anos de paz, hoje ela abarca a totalidade de assuntos relacionados com os eventos finais. De alguma forma ela se tornou uma sessão da Escatologia. Como tal, ela focaliza sobre uma criação de diagramas destinados a expor os eventos finais. Frequentemente toma um formato dispensacional, demandando uma construção racional que, semelhante a campos magnéticos, pode organizar e integrar numerosas faulhas teológicas soltas.

Em seu nível mais baixo, o milenialismo trabalha com elementos claramente suspeitos, tais como numerologias, especulações, e bem específicas predições construídas sobre cordas elásticas de lógica, estendidas como teias de aranha entre dados pouco consistentes. De tudo isso recende algo como um repugnante odor. Nesse ponto, alguns se afastam da sã doutrina, gerando uma nova hermenêutica que se aplicada a outras passagens da Bíblia produziria figuras grotescas. O estabelecimento de um simbolismo apocalíptico, fruto do milenialismo deformado, de qualquer forma, leva uma máscara de “quase respeitável”, especialmente diante de olhos despreparados.

Interpretações pós-milenialistas

Antes da confrontação do desafio que o deformado milenialismo nos apresenta, faríamos bem em traçar seus antecedentes, mesmo em poucas palavras. Podemos começar com as especulações judaicas do período intertestamental.

No grupo dos produtos literários, os quais nós chamamos de apócrifos e pseudepígrafos, escritos entre a morte de Esdras e o segundo século a.D., encontramos uma série completa do que pode ser chamada especulações messiânicas. Essencialmente, esses materiais descrevem um período de glória utópica que teria lugar com a vinda do Messias. As idéias apresentadas provêm o cenário do pensamento popular a respeito do Messias entre as pessoas às quais Jesus ensinava, incluindo os próprios discípulos.

O livro intitulado IV Esdras é um bom lugar para começar. De acordo com esse traba-

lho pseudo-epigráfico, o Messias seria revelado e estabeleceria um reino terrestre no qual Seus súditos prosperariam e regozijariam durante 400 anos. Em seguida, o próprio Messias e todos os seres humanos morreriam, retornando a Terra ao silêncio primitivo. Então, ocorreriam uma ressurreição e um julgamento, após o que teria lugar o paraíso terrestre na Jerusalém restaurada. O exato por quê de tal seqüência não é mencionado.

Toda sorte de variações sobre este tema aparece em outros livros e especulações rabínicas. No Talmude, nós aprendemos que os dias do Messias durariam 40 anos, ou 70 anos, ou três gerações. Alguns optam por 400 anos, outros por 365 anos, sete mil ou dois mil anos. Com freqüência, a idade de ouro, seja qual for sua extensão, é apresentada em termos de exuberante prosperidade material, casas, terras, abundante colheita de frutos, mesas sobrecarregadas de iguarias, satisfação de todo impulso sensual e triunfo sobre os inimigos. Atualmente rotulada de milenarismo, tal descrição foi transplantada para o milênio pelos cristãos do segundo século.

Ligadas ao pensamento milenarista estavam as especulações a respeito de quando o Messias deveria aparecer. Alguns diziam que isso aconteceria depois de 85 jubileus, mas com uma desafortunada incapacidade de concordarem sobre quando começaria o primeiro jubileu. Outros pensavam ser depois de sete mil anos, uma derivação obviamente tirada da narrativa da criação. Ainda outros optavam por cinco mil, dois mil, 600 anos; e o Rabi Akiba argumentava em favor de 40 anos.

O pseudo-epigráfico II Enoch apresenta o seguinte cenário: os sete dias representam mil anos cada um. No fim do sexto milênio o agente de Deus virá destruindo o vil opressor que estará governando por este tempo, e julgando os ímpios. Posteriormente virá o tempo da prosperidade messiânica. Necessitamos de pouca imaginação para traçar os mais consideráveis paralelos entre o dispensacionalismo contemporâneo e II Enoch. Depois de seis mil anos, como asseguram os dispensacionalistas, concluindo o "tempo dos gentios", Cristo retornará para colocar por terra o espantoso tirano chamado anticristo e estabelecer o Seu reino. De fato, o plano dispensacionalista torna-se consideravelmente ampliado com detalhes adicionais.

Nem os primeiros cristãos da Era apostólica ficaram imunes. Irineu cita Papias, um

antigo escritor que afirmava ter ouvido o apóstolo João pregar em Éfeso, mas cujos escritos infelizmente se perderam. De acordo com essa fonte, o retorno de Cristo introduzirá uma era de ouro na Terra, cheia de fertilidade e paz entre os homens de toda natureza. Isso é apresentado, como literal, não alegórico. Eusébio também menciona Papias ao dizer que, seguindo a ressurreição dos mortos, Cristo reinará pessoalmente sobre a Terra.

Justino Mártir argumenta que com a ressurreição dos mortos Jesus inaugurará o período de mil anos de paz, reinando na Jerusalém restaurada. Ele se baseia na declaração do Salmo 90:4: "Pois mil anos, aos Teus olhos, são como o dia de ontem que se foi, e como a vigília da noite." O reino milenial será físico, centralizado em Jerusalém, e caracterizado pela posse de vida longa e prosperidade. Irineu introduz três anos e meio de reinado do anticristo, que então será destruído no lago de fogo. Os justos entrarão na experiência gloriosa do reino terrestre, sendo absorvidos gradualmente na natureza divina. O plano de Irineu mostra certo paralelo com a Escatologia mórmon, incluindo a aquisição da deidade.

Mas o materialismo crasso de tal reino ofereceu problemas aos pais da Igreja, com suas alegorizadas e espiritualizadas doutrinas cristãs. Entretanto, nos dias de Dionísio de Alexandria, nós o encontramos rejeitando a canonicidade do Apocalipse como um antídoto ao literalismo materialístico. Como resultado, por muitos séculos lutou-se muito, em vários lugares, para que esse livro fosse aceito como um legítimo livro da Bíblia.

Outros judeus e antigos pais da igreja também especularam bastante. O apocalipse judeu de Baruque, composto algum tempo entre 50 e 80 a.D., mistura quase todos os elementos do milênio com a vinda do reino messiânico, mas não estabelece período de tempo. A epístola cristã de Barnabé descreve seis eras do mundo, sendo a sétima um milênio de repouso, mas praticamente não faz conexão com Apocalipse 20. Mesmo os pagãos possuíam semelhantes teorias. Por exemplo, os zoroastrianos persas e os primitivos etruscos da Itália pré-romana acreditavam que a raça humana duraria seis mil anos. Jerônimo argumentava em favor de uma história mundial de seis mil anos, seguindo-se um milênio sabático.

Foi Agostinho quem estabeleceu a teoria padrão sobre o milênio, que dominou a cris-

tandade por quase mil anos. Para ele, o milênio é uma experiência espiritual que começa com o próprio Cristo. A primeira ressurreição é a conversão, e a segunda vinda acontece no coração dos crentes, não na História literal. Tal como a pedra que destruiu a imagem da visão de Daniel 2, a Igreja romana seria a grande montanha que encheria a Terra.

Mais tarde, perseguidores de dissidentes, como Bernardo de Clairvaux, justificaram o uso da força contra os cidadãos recalcitantes, fundamentados no argumento de que eles estavam obstruindo o crescimento milenial do reino de Deus; por isso, os torturadores faziam às suas vítimas um serviço benevolente de amor, compelindo-as a se submeterem a um programa de criação do reino de Deus na Terra.

Eventos do ano mil

Com base nas premissas de Agostinho, esperava-se que graves acontecimentos acompanhassem a chegada do ano 1000. Nesse ano fatídico, o notavelmente corrupto Silvestre II assumiu o trono de Pedro. As tensões emergiram através da Europa, à medida em que a data se aproximava, especialmente na França. Mas, nada de extraordinário ocorreu. Alguns alarmistas se agarravam avidamente a insignificâncias, vendo juízo final na conquista turca de Jerusalém, em 1009. Em 1033, tido como o milésimo ano da morte de Cristo, uma aguda fome grassou a então dispersa população da Europa. O fenômeno foi tido como um presságio de grande significado. Especialmente nos mosteiros e conventos eram promovidas calamitosas predições.

Em contraste, a hierarquia oficial do Vaticano colocou por terra o temor do fim do mundo ao redor do ano 1000. Em 998, o Concílio de Roma impôs ao Rei Roberto, da França, sete anos de castigo por uma particularmente dolorosa violação da lei canônica. O imperador alemão, Otto III, continuava ativamente planejando sua estratégia para futuras conquistas que restaurariam o velho Império Romano.

Com a aproximação do ano 1260, um rumor de excitação correu a Europa, baseado na idéia da vinda de Cristo naquele ano, para suprimir qualquer poder anticristão esperado.

Hoje, estamos a quase dois mil anos do nascimento de Cristo. Tal qual no passado, novas ondas de especulações sobre o milênio

são elaboradas em muitas denominações. Muitos líderes religiosos têm advertido contra especulações inconvenientes. Para traçar uma progressão do excitação milenialista, uma nova sociedade acadêmica foi estabelecida em 1992, em Filadélfia, com o objetivo de registrar toda manifestação milenialista, para análise erudita do ponto de vista sociológico. A partir de agora, até 2029, todas as manifestações serão registradas.

Os adventistas e a especulação

Como era de se esperar, alguns adventistas do sétimo dia estão se envolvendo em várias tentativas no sentido de estabelecer uma cronologia dos eventos porvir. Nosso interesse no estudo das profecias torna-nos particularmente vulneráveis a especulações infundadas, como foi evidenciado no caso Waco e fenômenos semelhantes.

Através da nossa história, nós temos de frontado com a questão do estabelecimento de tempo, baseado em cálculos engenhosos, apesar das advertências bíblicas, e das repetidas afirmações de Ellen White de que não existe profecia bíblica de tempo após 1844, bem como as múltiplas advertências contra todos os esforços para predizer o tempo dos acontecimentos vindouros.

Torna-se necessário discutir a questão dos seis mil anos nos círculos adventistas. Geralmente os cálculos são elaborados sobre as declarações de Ellen White, as quais então são realçadas por um argumento lógico destinado a fornecer datas futuras.

Um vigoroso futurismo abre possibilidades para interpretações previamente excluídas, onde as profecias bíblicas foram explicadas numa maneira historicista, como os adventistas sempre têm feito. Em geral, esses novos intérpretes dizem que nosso método historicista era válido para o passado, mas as profecias fornecem novas informações sobre os acontecimentos futuros, quando recicladas dia-a-dia. Eles afirmam que algumas declarações um tanto enigmáticas de Ellen White encorajam as reinterpretações futuristas, e que as profecias fornecem nova luz.

Citam, com certa freqüência, a afirmação de que quando os livros de Daniel e Apocalipse forem completamente compreendidos haverá um reavivamento de grandes proporções entre nós. Eles oferecem essa completa compreensão e defendem que é sua rejeição, pelos eruditos, que impede o derramamento do Espírito.

Algumas destas interpretações baseiam-se na teoria dos seis mil anos. Argumentos que remontam ao segundo século reapareceram, agora nos círculos adventistas, confundindo membros da igreja atacados por uma tempestade de publicações não oficiais. De acordo com informações catalogadas através do processo *C D R O M*, encontramos que durante seus 70 anos de escritora, Ellen White fez 43 referências aos seis mil anos e 42 relacionadas aos quatro mil anos, período anterior a Cristo. De fato, a cronologia bíblica é altamente complexa e mostra certa ambigüidade em relação a algumas ocorrências importantes. Um desses casos é a não muito clara situação da permanência israelita no Egito. A cronologia de Ussher estabelece 215 anos, mas outras evidências parecem favorecer o total de 400 ou 430 anos. Para Ussher, os seis mil anos acabarão em 1997.

Ellen White e a cronologia

Uma cuidadosa revisão das declarações de Ellen White mostra que ela não fez sérias tentativas para criar uma cronologia. Simplesmente citou os números de Ussher, anotando-os em sua Bíblia. A Sra. White negava-se a aparecer como uma autoridade em História. Tudo indica que ela seguiu a idéia de Ussher, quanto aos 215 anos de permanência israelita no Egito, até 1891. Depois, pareceu dividida entre 215 e 430 anos. Jamais foi taxativa em cronologia. Em 1913, ela escreveu que a Terra tinha “aproximadamente seis mil anos”. Noutras referências ela usa as expressões “aproximadamente seis mil anos” (nove vezes); “cerca de seis mil anos” (três vezes); “mais de seis mil anos” (duas vezes); “quase seis mil anos” e “acima de seis mil anos” (uma vez cada).

É inútil, portanto, projetar datas futuras a partir de algo que é caracterizado como “aproximadamente”. Um estudo sobre as 1.400 vezes que ela usou a palavra “aproximadamente”, revela que o significado sempre foi “perto de” ou “quase”. E jamais o termo foi aplicado em suas afirmações sobre os quatro mil anos.

O milenialismo adventista, compreendido num segundo sentido, pode ser bem ilustrado através do trabalho de Larry Wilson, cujas interpretações são bem explícitas e coerentemente distribuídas. Ex-pastor adventista e capelão, Wilson afastou-se do serviço denominacional, há alguns anos, para pro-

mover suas conclusões a respeito de profecias. O resultado é uma análise baseada em premissas futuristas, organização de predições bíblicas, apocalípticas, em 18 diferentes seqüências ou linhas proféticas, cuja sincronização está fundamentada no ciclo de 70 jubileus, contados a partir do êxodo (datado de 1437 a.C.) até o ano sabático em 1994, o qual ele sincroniza com o 70º jubileu.

Um estudo da seqüência estabelecida por Wilson fornece datas específicas. Ele começa com os Selos do Apocalipse, em 1884, alcança a descida da santa cidade, seguindo-se o milênio. De acordo com esse programa, as Sete Trombetas estão situadas no futuro, começando com o fim do 70º jubileu em 1994. Haverá uma forte chuva meteórica, possivelmente incluindo um impacto causado por um possante planetóide, resultando uma destruição cataclísmica da maior parte da terra.

Iniciando-se com o jubileu de 1994, os 1260 dias alcançam o fechamento do período de prova e os 1335 dias literais vão até a vinda de Cristo, 75 dias depois. Com todos esses problemas, o trabalho de Wilson é um dos mais acreditados entre os intérpretes adventistas, montados na crista do excitação associado com os seis mil anos e os cálculos do jubileu.

Estabelecendo bases sadias

O que, como pastores, líderes, editores e professores, poderíamos fazer para desenvolver uma base sadia para interpretação dos eventos relacionados com os últimos dias? Consideremos as seguintes sugestões:

1. As especulações sobre o Milênio têm uma longa (e uniformemente enganosa) história.

2. A hodierna e mórbida febre por novidades proféticas superficiais deve levar-nos a cuidadoso estudo da Bíblia e criteriosa escolha de pressuposições.

3. Sobre uma base *prima facie*, a tentativa de estabelecimento de datas é deficiente.

4. Ellen White firmemente endossa a interpretação historicista.

5. Apesar das aberrantes más interpretações, o estudo profético é um componente válido e essencial de nossa mensagem. O interesse pelo estudo das profecias necessita ser despertado a partir de nosso púlpito e das nossas publicações, numa linguagem acessível ao povo. Editores e pastores, mais que ninguém, podem fazer isso acontecer.

Disciplina suave e eficaz

ROBERT BRETSCHE

Pastor da igreja adventista
em Tualatin, Oregon, EUA.

Antigamente eu pensava que compreendia a fina arte da disciplina. Sempre a via como punição; e algumas vezes envolvida em mágoa. Mas, foi quando estava concluindo o meu tumultuoso primeiro grau que me deparei com uma nova dimensão da disciplina: restauração.

Eu estava empenhado em desafiar determinado professor, e criando um clima mais impróprio para o ensino que o desejado por aquela escola missionária. Um dia o diretor tomou tempo para falar comigo. Sentou-se à minha frente e em 15 minutos mudou a concepção que eu tinha acerca de mim mesmo, minha vida, e meus relacionamentos. O que ele falou naquela ocasião permaneceu comigo durante muito tempo. Ele confiou em mim. Aceitou-me. Falou comigo, valorizou-me e considerou minhas opiniões. Respondeu-me com a resolução de jamais fazer qualquer coisa que pudesse manchar o conceito que ele mantinha a meu respeito. Da perspectiva de tempo e maturidade, essa experiência convenceu-me de que disciplina é, primariamente, restauração.

Eu havia experimentado uma manifestação de graça. A graça revela a atitude de Deus para conosco. Ele não apenas nos ama. Aceita-nos. Alegra-Se em gastar tempo conosco. O primeiro quadro que as Escrituras nos apresentam de Deus é o de um Criador sorridente com Sua criação. A respeito das coisas trazidas à existência, em cada dia da semana da criação, a Bíblia diz: “E viu Deus que isso era bom”. Mas, ao referir-se à criação dos seres humanos ela afirma: “E viu Deus que isso era muito bom”. Deus muito Se alegrou ao trazer à existência seres criados “à Sua imagem e semelhança”.

O prazer do Pai

Quando Jesus iniciou Seu ministério terrestre, mostrou a satisfação que Deus sentia pela humanidade inteira. Como nosso representante, Ele ouviu do Pai a afirmação:

“Este é Meu Filho amado em quem Me comprazo” (Mat. 3:17). Até então, Jesus não havia pregado nenhum sermão, curado leprosos, ou dado vista a algum cego. Não havia “feito” qualquer dessas coisas em Seu ministério, todavia Seu Pai agradava-Se nEle, por causa daquilo que Ele era. O valor que Lhe dedicava não era fundamentado em Sua performance, mas em Sua personalidade.

Deus também está prazeroso conosco, considerando que estamos ligados a Ele através de Cristo. A satisfação que sente por nós não é devido a nossa performance, mas em virtude de Sua apreciação da nossa unicidade. Jesus investe tempo com pecadores, embora seu estilo de vida O desagrade, porque o ardente desejo de estar junto a Suas criaturas é maior do que a mágoa causada por seus pecados.

Brennan Manning fala a esse respeito: “Aqui está uma revelação que brilha como a estrela da manhã: Jesus veio para os pecadores, para aqueles rejeitados, como cobradores de impostos, e para aqueles que estão desesperados em virtude de suas escolhas erradas e dos sonhos desfeitos. Ele veio para os executivos, meninos de rua, superastros, lavradores, pescadores, toxicômanos, traficantes, aidéticos, vendedores, empregados e patrões. Jesus não apenas fala com essas pessoas mas senta-Se à mesa com elas – cômico de que Sua mesa, ocupada com pecadores, escandalizará os burocratas religiosos que, investidos de autoridade própria, justificam sua condenação da verdade e rejeição do evangelho da graça”.¹ Mais sucintamente Ellen White declara que Ele veio “para oferecer aos homens uma taça das graças celestiais, mediante Sua bênção que santificaria as relações da vida humana.”²

A perspectiva de Deus

A fim de cumprir sua sagrada vocação de viver o exemplo de Cristo, a Igreja deve aceitar a perspectiva divina para a humanidade. Primeiro, Deus nos ama e nos es-

tima, não por causa do que fazemos, mas, por causa do que somos. Segundo, Ele nos aprecia e quer tomar tempo conosco. Terceiro, a Igreja de Cristo é composta de pecadores, pessoas que tomaram muitas decisões erradas na vida, e que estão à espera de respostas para suas indagações. A Igreja não é uma vitrine expondo pessoas ricas, famosas e bonitas. Ela está cheia de membros alquebrados e com o coração sangrando, em virtude dos altos e baixos da vida.

Richard John Neuhaus descreve a verdadeira Igreja de Deus como sendo a igreja visível, não invisível. É esta Igreja, com todas as suas fatigantes e nauseabundas particularidades... A verdadeira Igreja é a igreja verdadeiramente vista.”³ Essa Igreja deve agir em sua comunidade com a mesma atitude de Deus. Então as pessoas encontrarão nela um porto seguro para as aflições da vida. A igreja será um lugar onde os pecadores serão amados, estimados, e apreciados por sua individualidade. O testemunho da Igreja não consiste em que seus membros sejam perfeitos, mas que ela ame tão perfeitamente como faz o Pai celestial.

Quando um doutor da lei perguntou a Jesus: “Quem é o meu próximo?”, ele queria permissão para estabelecer barreiras. Se Jesus definisse um irmão para aquele interlocutor, certamente ele saberia quem não deveria ser seu irmão. O Mestre, no entanto, recusou-Se a fazer isso. Em contrapartida narrou a parábola do Bom Samaritano. Dessa forma, transferiu a vocação de amar, da teoria para a prática. Um irmão é qualquer um que necessite de nosso amor e assistência. A Igreja precisa reconhecer isso.

Verdadeira disciplina, então, é restaurar na igreja um ambiente amoroso, onde a compaixão, amizade e o louvor criam uma diferença tão radical do mundo, que os de fora quererão tornar-se parte do grupo. O alvo da igreja é fazer que “todos sejam um; e como és Tu, ó Pai, em Mim e Eu em Ti...” (João 17:21). Qualquer tentativa para ver a disciplina como punição ou exclusão é negar o objetivo do Evangelho. Deus deseja fazer-nos “crescer e aumentar em amor uns para com os outros...” (I Tess. 3:12). Esse amor não é direcionado apenas aos “bons”, mas, também, aos pecadores maus do rebanho. Somos ordenados a amar, e nisso “progredindo mais e mais” (I Tess. 4:1).

Aceitação dos pecadores não significa conivência com seus pecados. A graça é um ne-

gócio de risco; alguns tirarão vantagem de sua liberdade. Outros se alegrarão nela por algum tempo, rejeitando-a depois; e ainda outros permitirão que ela se torne a parte mais importante de sua vida. Muitos querem aceitar a graça e protegê-la de abusos. Estabelecem regras artificiais para mostrar a outras pessoas o que elas devem fazer para “andar na luz”. Legalismo é, geralmente, a tentativa humana de salvaguardar o maravilhoso dom da salvação de Deus. No entanto, apesar de todo o perigo que a liberdade possa oferecer, o cristão é chamado para amar mesmo àquelas que podem, às vezes, fazer mau uso dela.

Não é a aceitação em si mesma que produz licenciosidade. “Pelo contrário, o gesto de aceitar a um irmão o tornará forte. Jamais ele será confundido em questões de certo ou errado, se seu ensinamento e estilo de vida pessoal estabelecerem padrões claros. Por exemplo, uma pessoa que usa linguagem profana não imagina que você aprova seu comportamento, só porque o aceita como indivíduo. Enquanto ela ouve seu falar reverente e aprende a Palavra de Deus; e, mais importante, adquire conhecimento dEle, compreende claramente que a profanação é inconveniente. Mas se você comunica rejeição a essa pessoa, provavelmente ela nunca será alcançada pelo toque de Deus, através de você.

Nosso mundo é um mundo sensível. Recebemos constantemente uma enxurrada de mensagens dizendo-nos que podemos fazer uso de nossa liberdade em nosso caminho. A sensível aproximação que honra a liberdade pessoal pode ser aplicada em cada importante área da vida. O velho modelo “industrial”, onde as decisões eram tomadas de cima para baixo não é um modelo desejável.

O perigo do relativismo

Relativismo secular é o termo usado para descrever o processo de escolher individualmente um curso de ação sem considerações externas. Possivelmente a maior questão com que se defronta a comunidade cristã da graça é o relativismo que rasteja na Igreja. Removendo os absolutos, não há consenso de verdade ou comportamento. Se nada realmente importa, não há necessidade de comprometimento pessoal. Dennis Prager, um historiador e radialista judeu, adverte quanto a isto: “Esta geração acredita que cada coisa é relativamente cada coisa. O bem e o mal não existem. Tudo é relativo.

Não há verdade. Cada coisa é determinada pela ordem do dia de alguém.”⁵

Quando eu era um jovem, no fim dos anos 50 e início dos anos 60, a Igreja oferecia uma clara instrução sobre o que significava ser um cristão adventista do sétimo dia. Bons membros não usavam jóias de nenhum tipo. Éramos vegetarianos puros. As senhoras não usavam qualquer tipo de adorno exterior. Não comíamos produtos de origem suína e não íamos a teatros e cinemas, temerosos de que os anjos nos abandonassem à porta dessas casas de espetáculos. Teologicamente nós possuíamos a verdade, e ainda assim muitos caíam em erro.

A Igreja de hoje desafia cada uma das pressuposições acima mencionadas. Some-se a isso o surgimento de ameaças teológicas, algumas vezes. Teologia às vezes se parece com um outro ecleticismo “a sua maneira”. Mas esse processo realmente tem sido saudável. Com ele, a Igreja ganha uma oportunidade para explorar mais completamente o significado de graça, livrando-se a si mesma de alguma extensão de ornamento cultural. Essa nova visão, no entanto, traz embutido um perigo: falta de parâmetros claramente definidos. Devemos lembrar-nos de que o dom da cruz nunca está separado dos requerimentos da cruz.

Antigamente a Igreja parecia falar exclusivamente do requerimento, ou seja, santificação. Mas, durante os últimos 20 anos, tem-se falado muito mais a respeito do dom. E agora, com a emergência do relativismo, mesmo a definição do requerimento pode mostrar-se um exercício inquietante. Cada membro o define de uma maneira deferente. Há uma variedade muito difundida entre a congregação quanto à santificação dos salvos – um tipo de relativismo congregacional. Na prática, as igrejas têm permitido cada pastor definir o que significa andar com o Senhor. Assim, as instruções variam. A ênfase difere. E a maneira como a disciplina é compreendida ou administrada também varia.

Como é possível conviver com tal crise? Através das Escrituras. A Palavra de Deus suplanta tendências culturais e modifica padrões. O alvo da hermenêutica bíblica é encontrar os princípios eternos e aplicá-los ao contexto cultural na existência. Os padrões mudam frequentemente, mas os princípios jamais. Aplicações da verdade variam com o tempo e de acordo com o lugar, mas os princípios sobre os quais estão baseadas, não mudam.

Em busca da aplicação de princípios bíblicos ao assunto da disciplina na igreja, é interessante lembrar que o Novo Testamento usa duas palavras para o processo: *Paideo* significa educação ou instrução de crianças, com ênfase sobre ensinamento e aprendizado. A outra palavra, *gumnaxo*, tem a conotação de treinamento e exercício. O significado primário é adequar alguém em alguma coisa na qual não foi inicialmente treinada. Por sua natureza, essa palavra transpira positivo reforço em direção ao alvo de educação e treinamento, sem a sugestão de punir ou banir do companheirismo. O evangelho da graça compele a igreja a providenciar um clima onde ensinamento e aprendizado combinam com treinamento e exercício. A igreja necessita ser como um lugar seguro, onde podemos falhar e, todavia, ser amados e ensinados nos requerimentos de Cristo para a nossa vida.

Os líderes religiosos dos dias de Cristo não providenciaram um porto seguro para os pecadores. Eram condenatórios e juizes automeados, como quando eles arrastaram a mulher apanhada em adultério. Jesus não excusou ou negou seu pecado. Ele enalteceu o princípio de pureza sexual, ao mesmo tempo em que apontava um novo tipo de comportamento. Em lugar de condenar a mulher, Ele a amou, aceitou-a e perdoou. Disse: “Nem Eu tampouco te condeno. Vai, e não peques mais” (João 8:10 e 11).

Na parábola do Filho Pródigo, Jesus retratou a disposição de Deus em aceitar o retorno dos pecadores, ao descrever o pai colocando uma nova veste em seu filho (Luc. 15:22). Isso deve ter sido chocante para Seus ouvintes. E enquanto Ele continuava falando do anel colocado no dedo do príncipe, o povo mal respirava. O anel significava acesso do filho às posses do pai. Justamente o filho que esbanjara toda a sua herança, agora tem livre acesso às riquezas paternas. Tudo o que o pai possuía era seu. Para muitos, esse era um quadro muito radical a respeito de Deus.

Ainda hoje, poucos dentre nós permitiríamos a nossos filhos desobedientes terem acesso a muitas coisas que possuímos, mesmo que eles dessem provas de que se tornaram corretos. Entretanto, através da parábola, verificamos que é o poder positivo da graça que estimula o arrependimento. Quan-

do pecadores vêm a profundidade do amor e da aceitação de Deus, sua resistência definida e um desejo de agradar-Lhe invade o coração. Infelizmente, muita medida disciplinar tomada em nome de Cristo, é antes uma negação da graça, em lugar de aplicação dos Seus princípios eternos.

O pai da história contada por Cristo promoveu uma festa pelo filho que retornava. Uma festa revela o valor e a alegria sentidos em relação ao objeto de sua atenção. Quando crianças comemoram seu aniversário, a atenção da família centraliza-se no aniversariante. Ele sabe que é amado e apreciado. Quem sabe, se a igreja realizasse mais festas pelas pessoas que retornam a ela, isso se repetiria cem vezes mais do que acontece atualmente.

Viver no centro da graça é experimentar a apreciação, o amor, a aceitação e o perdão de Deus. Uma vez que as pessoas O contemplem, as palavras “vai, e não peques mais” soam atraindo a urgente rendição da vida a Cristo, e crescimento nEle.

Pequenos grupos

A melhor maneira de expressar estima e apreciação deveria ser a formação de pequenos grupos. Adotar uma atmosfera de alegria e amor, unidos à aceitação, deve ser o modo mais compatível para experimentar o verdadeiro significado da disciplina. Pequenos grupos provêm maneiras para aprendizado na vontade do Senhor. Estudar, orar e partilhar juntos são atitudes que desenvolvem uma disciplina que guia e protege os cristãos em sua viagem para o reino. As forças são readquiridas e renovadas quando se partilha mutuamente lutas e vitórias. As considerações de cada um produzem incentivo para uma entrega profunda e estabelecimento de compromissos perenes.

Quando negligenciamos os princípios da graça de Deus, é possível que qualquer tentativa de purificar a Igreja simplesmente limite seu crescimento espiritual. Disciplina eclesiástica, baseada sobre a graça, é muito diferente do tradicional modelo de descobrir pecados, decidir quem é culpado e, então, censurar ou desligar da comunhão. O modelo da graça é trabalhoso e requer paciência com o errante. Confiar na operação interior, efetuada pelo Espírito Santo, pode ser um processo demorado até que Ele revele o intento do coração.

Paulo fala da disciplina eclesiástica em I Coríntios 5: “Mas agora vos escrevo que não

vos associeis com alguém que, dizendo-se irmão, for impuro, ou avarento, ou idólatra, ou maldizente, ou bebedor, ou roubador; com esse tal nem ainda comais” (v. 11). O homem encontrado em tal situação deveria ser desligado da comunhão – não por ser mais pecador que os demais, mas por causa da persistência no pecado. Essa pode ser a única explicação, desde que o próprio Jesus cercou-Se do mesmo tipo de pessoas das quais Paulo aconselha os cristãos coríntios a afastarem-se.

Jesus não Se distanciou delas pelo fato de serem muito pecadoras. Pelo contrário, aproximou-Se, justamente porque sabia que estavam enfermas pelo pecado. Comeu com elas. Convidou para que se tornassem Seus discípulos. Até mesmo permitiu que uma mulher adúltera tocasse Seus pés. No entanto, Jesus falou diretamente com aqueles cujos corações entrincheiravam-se contra o poder do Seu amor. Ele disse: “Estes sofrerão juízo muito mais severo” (Luc. 20:47).

A Igreja deve proteger-se daqueles indivíduos que permanecem insubmissos à maneira amorosa com que Deus os trata. Muitos que despedaçam o corpo de Cristo deveriam enfrentar a disciplina antes que destruam o espírito de unidade. Se persistem em atacar o corpo de Cristo, devem ser afastados da comunhão e tratados como gentios e publicanos (Mat. 18:17). Em outras palavras, a igreja deve tratá-los como pessoas pelas quais Cristo morreu, buscando ganhá-las outras vez.

Os evangelhos contêm muitas advertências contra os que oprimem o povo de Deus. Muito frequentemente a igreja mira sua disciplina para as pessoas cujos pecados são flagrantes, mas negligencia chamar às contas os que destróem o ambiente de fraternidade. Nós não podemos permitir que lobos permaneçam com as ovelhas, se queremos prover um porto seguro para os pecadores arrependidos. A igreja deve cuidar bastante para oferecer uma disciplina com toque suave.

Referências:

1. Brennan Manning, *The Ragamuffin Gospel*, págs. 19 e 20
2. Ellen White, *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 144.
3. Richard John Neuhaus, *Freedom for Ministry*, pág. 9.
4. Jerry Cook e Stanley Baldwin, *Love, Acceptance, and Forgiveness*, pág. 19.
5. Dennis Prager, entrevista publicada em *Door*, Novembro/Dezembro de 1990, pág. 11.

O homem de Deus

MATUSALÉM F. SANTANA

*Pastor distrital em Assis,
na Federação Paulista Oeste*



A. Rios

Eliseu foi chamado por Deus para continuar o trabalho que Elias havia iniciado. A mensagem de Elias era de condenação e juízo, chamando o rei e o povo ao arrependimento. Enquanto isso, Eliseu estava incumbido de uma obra diferente. Sua missão era pacífica e devia ensinar ao povo o “caminho do Senhor”.

Como profeta, deveria exercer um tipo de liderança que lhe permitisse entrar em contato com o povo. Para isso, seria preciso vi-

ver no meio do povo, conhecer sua vida, sentir seus problemas, fracassos, ansiedades, sofrimentos e partilhar as lutas do dia-a-dia. Sendo necessário conquistar-lhes a confiança a fim de poder ajudá-los.

Através de uma maneira segura e bondosa de tratar com as pessoas, logo Eliseu estava conseguindo seus objetivos. Durante seu ministério realizou muitos milagres, trouxe muita alegria ao povo, ajudou os necessitados e viveu sempre rodeado pelos “filhos

dos profetas”, que, ao que tudo indica, eram seus alunos ou aprendizes. E foi esta vida ativa no reino que lhe granjeou a confiança e logo trouxe respeito e admiração.

Eliseu tornou-se conhecido e respeitado entre os filhos de Israel, pois sua vida de consagração dava claro testemunho do Deus a quem servia. Como mensageiro, cumpriu fielmente o seu trabalho e, assim fazendo, exerceu poderosa influência sobre a vida de muitas pessoas. Ellen G. White comenta a seu respeito: “O espírito de bondade que habilitou Eliseu a exercer poderosa influência sobre a vida de muitos em Israel é revelado na história de sua fraternal relação com a família de Suném.”¹ Eliseu estava onde estavam as pessoas, influenciando-as para o bem, a fim de que se aproximassem mais e mais de Deus e passassem a amá-Lo ainda mais.

Influência marcante

A Bíblia nos apresenta Eliseu como um incansável e constante trabalhador, que jornadaava de um lado para outro do reino, ministrando ao povo a mensagem do Céu. Não era um eremita vivendo em solitário isolamento, mas um ativo trabalhador na seara divina.

Normalmente costumamos pensar em Eliseu e até o reconhecemos pelo título de “carros de Israel e seus cavaleiros” (II Reis 13:14), onde notamos uma certa tendência de realçar seu trabalho como estrategista político e militar da nação. Talvez esse título até queira dizer que ele valia por divisões inteiras numa batalha. Contudo, a sua influência vai muito além disso.

A maior homenagem prestada ao profeta vem de uma mulher rica da localidade de Suném, em cujo lar, muitas vezes, ele encontrou acolhida quando viajava de um lugar para outro e necessitava de um descanso. Na residência dessa

família encontrava um pouco de tranquilidade e podia recuperar as energias exauridas pelo intenso trabalho.

A mulher sunamita e seu esposo demonstravam-se amistosos para com o profeta.

Chamou a atenção do casal a maneira diferente como se portava aquele hóspede. A simpatia demonstrada, a fala respeitosa, as atitudes pensadas e face bondosa de Eliseu o cativaram. Tamanha foi a impressão causada que a mulher referiu-se a ele como o “santo homem de Deus” (II Reis 4:9). Ele não foi reconhecido apenas como um bom pregador ou como um possuidor de profundos conhecimentos teológicos. Não foi sua aparência a razão da boa influência exercida, mas sua ligação com Deus. Sua vida testificava de sua intimidade com o Senhor. Eliseu era um “homem de Deus”.

Quão maravilhoso seria se a igreja pudesse olhar a cada pastor moderno com a mesma confiança e o mesmo respeito que a mulher sunamita devotava a Eliseu!

O mesmo Deus que dirigia a vida de Eliseu está à nossa disposição ainda hoje. O poder de Deus não se limita a pessoas ou épocas. Ele deseja tornar-nos mais semelhantes a Ele, e isso é possível agora. Precisamos confiar nEle, sem reservas.

Bendita é a influência do pastor dedicado, cuja vida é consagrada a Deus, e traz ao povo não apenas sermões bem elaborados mas o exemplo humilde de uma vida com Ele.

Sabemos que não é fácil ser pastor, na atualidade. Os tempos mudaram, as pessoas mudaram e a situação do mundo também mudou. E o ministro, o “homem de Deus”, precisa depender inteiramente de Cristo, mais do que nunca, a fim de que não seja enredado pelos sutis enganos do adversário. É somente em submissão completa a Deus que ele pode cumprir fielmente

o trabalho para o qual foi chamado. O ministro sabe melhor que ninguém que está em jogo não apenas a sua salvação, mas a salvação de milhares de pessoas colocadas sob sua responsabilidade. Ele sabe que precisa trabalhar não por amor ao louvor ter-

restre, ou porque precisa ganhar o sustento, mas porque ama as ovelhas e deseja ajudá-las na caminhada para o Céu. O pastor não é um mercenário. Ele é um “homem de Deus”.

**Eliseu estava onde
estavam as pessoas,
influenciando-as para
o bem, levando-as a se
aproximarem
de Deus, amando-O
mais e mais.**

Não foi por acaso que Eliseu foi chamado “homem de Deus”. Sua experiência como um profeta pode ajudar-nos em nossa vida espiritual. Aprendendo as lições legadas por seu bem-sucedido trabalho podemos também ser vitoriosos. Ei-las:

Em primeiro lugar, Eliseu possuía plena consciência de que havia sido chamado por Deus. Isso o impulsionava a agir confiantemente, certo de que Ele o estava dirigindo. Não admira que a confiança sentida contagiasse outras pessoas, que acabavam captando nas palavras e na maneira de agir do profeta a segurança e firmeza necessárias para agir em qualquer dificuldade.

Também necessitamos de tal convicção. Não podemos agir com timidez, como se fôssemos crianças amedrontadas. O temor do homem se transforma em armadilha. Precisamos afastar de nós a sugestão diabólica de que não fomos chamados por Deus.

Nenhum compromisso deve ser mais importante do que a comunhão com Deus. Sem isso, o pastor se torna como um poço vazio e sem vida.

Em segundo lugar, Eliseu experimentava íntima comunhão com Deus. Para ele, viver era Deus, respirar era Deus. Conhecia a Deus e Deus o conhecia. O resultado foi maravilhoso.

Deve haver a mais profunda comunhão entre o ministro e Deus. Caso contrário, tudo estará perdido. Não podemos ser negligentes aqui. Ninguém pode levar outros para além do ponto em que ele mesmo já chegou. Correndo de um lado para outro, preocupando-se apenas com aquelas coisas que podem ser vistas pelos homens e tendo raramente um encontro a sós com Deus, o ministro será apenas superficial. Nenhum compromisso deve ser mais importante do que a comunhão com Deus. Se tal experiência é negligenciada, o pastor se torna como um poço vazio e sem vida. As pessoas virão procurá-lo, mas nada acharão que possa saciar a sede da alma.

Em terceiro lugar, Eliseu era um homem batizado pelo Espírito Santo. Toda sua vida foi marcada pela presença constante do Espírito de Deus.

Conhecer apenas teoricamente a Palavra de Deus não é suficiente. Sem o poder do Espírito não haverá progressos. “Sem o Espírito de Deus, de nada vale o conhecimento da Palavra... Sem a iluminação do Espírito, os homens não estarão aptos para distinguir a verdade do erro, e serão presa das tentações sutis de Satanás”,² diz Ellen White.

Mas, não necessitamos ficar desesperados. Ela mesma assegura que “todo obreiro que segue o exemplo de Cristo está apto a receber e empregar o poder que Deus prometeu a Sua Igreja para maturação da seara da terra. Manhã após manhã, ao se ajoelharem os arautos do evangelho perante o Senhor, renovando-lhe o voto de consagração, Ele lhes concederá a presença de Seu Espírito com Seu poder vivificante e santificador. Ao saírem para seus deveres diários, têm eles a certeza de que a invisível atuação do Espírito Santo os habilita a serem “cooperadores de Deus”.³

O quarto ponto a ser considerado é que Eliseu não ficava de longe, observando o que se passava com o povo. Ele era acessível a todos, e o estudo de II Reis 4:23 permite afirmar, como G. Von Rad, que “a população tinha o costume de vir de longe para ver o homem de Deus e para o consultar, por ocasião dos sábados ou das luas novas”.⁴ Assim deve ser hoje. O pastor “tem de viver com o povo, para conhecê-lo. Deve sentir as suas tristezas e levar as suas mágoas”,⁵ diz Roy A. Anderson. Foi assim que Cristo agiu.

Finalmente, Eliseu foi chamado “homem de Deus” por uma outra pessoa. Isso não pode ser passado por alto. O povo viu isso em sua maneira de viver. Por nossa maneira de falar, de pensar e agir estaremos sempre demonstrando com quem temos andado por mais tempo e a quem estamos servindo.

O “homem de Deus” não está em busca de fama, aplausos ou popularidade. Servir a Deus e auxiliar no trabalho de salvar o semelhante é o que realmente lhe interessa.

O verdadeiro ministro preocupa-se em servir por amor à Obra do Mestre, mesmo que isso lhe custe a própria vida.

Referências:

1. Ellen G. White, *Profetas e Reis*, págs. 229 e 230.
2. *Parábolas de Jesus*, págs. 408 e 411.
3. *Atos dos Apóstolos*, pág. 56.
4. G. Von Rad, *Introdução ao Antigo Testamento*, vol. 2, ASTE, pág. 31.
5. Roy Allan Anderson, *O Pastor Evangelista*, pág. 492

A tragédia que é fatal

SUZANA SCHULZ

Coordenadora da AFAM na Divisão Sul-Americana

Nas últimas doze horas, recebi três notícias provenientes de três países diferentes de nossa Divisão. Lugares muito distantes uns dos outros, entretanto com certas coincidências. As duas primeiras traziam o impacto de mortes trágicas, e a terceira era sobre um acidente que quase acabou com um homem. Os três casos estavam relacionados a homens especiais, três obreiros... três pastores que dedicaram suas vidas ao Senhor.

Não posso deixar que passem como simples notícias ou meras informações. Não consigo parar de pensar nelas. Imagino quadros distantes, em lugares onde nunca esti-

ve, que abrigam pessoas desconhecidas; porém, paradoxalmente, muito próximas já que formamos uma grande família: a família de obreiros dedicados a proclamar o evangelho.

A distância, e em meu anonimato, sofro por essas esposas de pastores que foram tão brutalmente golpeadas e que deverão agora seguir caminhando sozinhas.

As perdas são sempre desagradáveis, atormentadoras. A morte é uma perda que surge como uma tragédia que se torna ainda maior quando ocorre inesperadamente; quando a única aparente explicação de sua causa foi estar naquele lugar, naquele ins-



Erico

tante. Um segundo... décimos de segundos.

de espera de Deus, Ele simplesmente nos diz: Confia em Mim!" (pág. 50).

Por quê?

Nessas ocasiões, nossa primeira reação é pensar: "Senhor, por que essas famílias devem sofrer dessa maneira? Acaso não eram eles homens especiais que sentiram o Teu chamado e responderam 'eis-me aqui'? E enquanto estão servindo acontece o inesperado... O inexplicável... Não posso entender."

De onde tiramos a idéia de que podemos entender tudo e que merecemos uma explicação para cada coisa? Quem disse que os cristãos, e especialmente aqueles que se entregaram ao serviço do Senhor, não passariam por situações difíceis ou desagradáveis? De onde surge esse desejo de insistir que Deus nos preste contas? E esse desejo, às vezes, cresce a ponto de transformar-se em uma "necessidade".

Esse é o momento em que, se não reagirmos, poderemos dar início à nossa segunda e maior tragédia. Começaremos a questionar a Deus, Sua sabedoria, Seu poder, Seus motivos, Seu amor. É o momento em que poderemos confundir-nos e pensar que Ele faz coisas sem sentido. Pensar assim é, realmente, uma tragédia.

Foi a respeito desse assunto que o Dr. James Dobson escreveu um livro cujo título poderia parecer irreverente: *Cuando lo que Dios hace no tiene sentido (Quando o que Deus faz não tem sentido)*. Nele, o Dr. Dobson comenta o seguinte: "Minha preocupação é que parece que muitos crentes pensam que Deus tem a obrigação de permitir-lhes navegar em um mar calmo ou de, pelo menos, dar explicações completas (e talvez pedir desculpas) pelas dificuldades que encontram no caminho. Nunca devemos esquecer que, antes de tudo, Ele é Deus. ... Às vezes Ele escolhe explicar-nos o que faz em nossa vida... Mas em outras ocasiões, quando nada do que nos acontece tem sentido; quando pensamos que as experiências pelas quais passamos 'não são justas'; quando nos sentimos sós na sala

A tentação de duvidar

É nesses momentos que Satanás chega semeando dúvidas, insistindo com idéias tais como: "Mas se Ele te ama, não deveria ter permitido..."; "É assim que Deus demonstra Seu amor?"; "Não acha você que tudo isto é injusto?" E se lhe damos oportunidade, fará que nos invada o sentimento de sermos vítimas da falta de interesse ou cuidado por parte de Deus, e de uma tremenda "necessidade de explicações". E essa é, na verdade, a grande tragédia.

Conversando sobre esse assunto com uma amiga, escutei uma frase que me fez pensar sobre algumas coisas que às vezes não vemos, ou não levamos em conta. "Eu tenho uma única explicação para essas mortes trágicas: é que Deus sabe que esses homens estão preparados e, portanto, *to-le-ra* um ataque mais do inimigo." A palavra chave é *to-le-ra*, que foi dita exatamente assim - de forma entrecortada -, sendo grandemente enfatizada. Tolerar é permitir algo, ainda que não se aprove.

Concordo totalmente com minha amiga, e ao mesmo tempo vejo mais claramente quanto Satanás se esforça por maltratar-nos, turbar-nos e enganar-nos. Muitíssimas vezes, primeiro nos provoca um mal e, em seguida, nos insta a desconfiar de Deus e acreditar que foi Ele quem o provocou. Faz-nos duplamente perdedores ao tirar algo físico e palpável (um ser querido, um bem, a segurança de um emprego, o bem-estar da saúde) e quer também tirar nossa fé e confiança em Deus. E isso é a verdadeira tragédia.

O exemplo de Jó

Recordemos um pouco a tão conhecida experiência de Jó. Ele era um homem

Quando começamos a questionar a Deus, Sua sabedoria, Seu poder, Seus motivos e Seu amor, isso é realmente uma fatalidade.

especial, um servo de Deus que O honrava através de sua própria vida. Disse Deus a seu respeito: "... ninguém há na Terra semelhante a Ele, homem íntegro e reto, temente a Deus, e que se desvia do mal" (Jó 1:8). Fico emocionada ao pensar que o próprio Criador disse essas palavras. Não se tratava de um homem qualquer; era um verdadeiro servo de Deus, que O servia diariamente, não do púlpito de um templo, mas de uma plataforma bem visível. Pregava através de sua vida e exemplo. Era um ministro de Deus.

Ao ouvir essa frase, Satanás propõe a Deus que sejam retiradas as bênçãos a ele outorgadas (v. 11). E Deus *to-le-ra*. Jó perde, perde muitíssimo. E Satanás insiste outra vez (2:4), pois seu objetivo de fazer com que Jó perdesse a confiança em Deus não se realizara. Deus tornou a *to-le-rar* (v. 6) e Jó perde ainda mais! Satanás ataca novamente, mas já não com pedras materiais e físicas, senão por outro meio – sua esposa: "...ainda conservas tua integridade? Amaldiçoa a Deus e morre" (v. 9). Vê? É evidente. O que Satanás perseguia em realidade era provocar em Jó a perda maior, ou seja, minar sua confiança em Jeová. Esse era seu objetivo final, e não apenas provocar um dano físico.

Deus *to-le-ra* algumas coisas, mas nunca abandona Seus filhos, nem deixa de vê-los. Isto está claro em Sua Palavra. "Porque os olhos do Senhor repousam sobre os justos e os Seus ouvidos estão abertos às suas súplicas" (1 Ped. 3:12). "Clamam os justos, e o Senhor os escuta e os livra de todas as suas tribulações. Perto está o Senhor do que têm o coração quebrantado, e salva os de espírito oprimido. Muitas são as aflições do justo, mas o Senhor de todas o livra" (Sal. 34:17 a 19).

Confiar é o caminho

Por outro lado, sabemos também que o que nos parece inexplicável e sem sentido, o é inversamente para Deus: "Porque os Meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos os

Meus caminhos, diz o Senhor, porque, assim como os Céus são mais altos do que a Terra, assim são os Meus caminhos mais altos do que os vossos caminhos, e os Meus pensamentos mais altos do que os vossos pensamentos" (Isa. 55:8 e 9).

É verdade que muitas vezes não temos suficiente informação a respeito do que nos sucede; não sabemos todas as causas de nossas aflições e ficamos turbados: não podemos entendê-las nem interpretá-las. Mas há algo que é real – o nosso Deus. Se Ele *to-le-ra* alguma coisa, sabe porque o faz. Se uma tragédia nos acomete, cuidado! Não permitamos que uma segunda aconteça.

O Dr Dobson, de novo, aconselha: "Peço a uma pessoa que se sente muito afligida, cujo coração está quebrantado e que se sente desesperada... que me permita assegurar que pode confiar no Senhor dos Céus e da Terra. Existe segurança e descanso na sabedoria eterna da Bíblia... e você pode estar seguro: Jeová, o Rei dos reis e Senhor dos senhores, não está caminhando de um lado a outro nos corredores do Céu sem saber o que fazer a respeito dos problemas que existem em sua vida ... Ele pode tomar em Suas mãos as cargas que estão lhe oprimindo." (pág. 30).

"Então ouvi grande voz vinda do trono, dizendo: Eis o tabernáculo de Deus com os homens. Deus habitará com eles. Eles serão

povos de Deus e Deus mesmo estará com eles. E lhes enxugará dos olhos toda lágrima, e a morte já não existirá, já não haverá luto, nem pranto, nem dor, porque as primeiras coisas passaram." (Apoc. 21:3 e 4).

Que glorioso é poder confiar em

um Deus que hoje vela por nós, que está no controle de nossa vida e que tem um futuro tão especial para nós. Naquele dia glorioso, as tragédias da Terra não mais existirão. Porém, para chegarmos a viver esse momento, devemos lutar com a "segunda e maior tragédia". Jó não pôde evitar as tragédias físicas e materiais, mas evitou, vitorioso, a tragédia de deixar de confiar em Deus.

O Senhor Jeová não
está caminhando de um
lado a outro nos
corredores do Céu,
sem saber o
que fazer com os
nossos problemas.

PASTOR

Pastor com atitude de ovelha

WILLIAMS COSTA JR.

Produtor do programa Está Escrito

Freqüentemente tenho sido convidado para pregar. Várias vezes durante os sábados, ou dirigindo semanas especiais de oração, tenho encontrado muitos pastores. Tenho conversado com eles e tomado conhecimento das alegrias, tristezas, dos desafios, problemas e pressões que fazem a vida de um ministro.

Se por um lado o pastor alegra-se ao ver almas sendo batizadas, viciados tornarem-se livres, lares à beira da destruição serem restaurados, pelo poder de Deus usando sua vida, não é agradável enfrentar o demônio face a face, conviver com “irmãos problemáticos”, enfrentar comissões difíceis e com pouca margem de negociação.

Falando francamente, a vida de um pastor tem alegrias, mas possui muitas pressões. Alvos de batismos a serem alcançados, construções inacabadas, escolas, viagens, preocupações familiares, finanças, entre outros.

Quando os membros da igreja enfrentam problemas, recorrem ao pastor. No entanto, quando o pastor se depara com alguma dificuldade, a quem vai recorrer? A igreja e a sociedade dizem que ele deve ir a Deus; e isso está correto. Se há alguém que deve lançar seus fardos sobre Deus é o ministro. Mas, muitas vezes, ele bem que gostaria de poder desabafar com algum amigo e colega.

Infelizmente nem sempre é possível. Somente Deus sabe as lágrimas que o pastor já derramou em silêncio. Somente Ele sabe a solidão que o Seu ministro teve que enfrentar, passando pelo vale de sombra e morte.

O Pastor do pastor

Como nem tudo na vida são flores, todos enfrentamos espinhos e cardos. A Pala-



William

vra de Deus nos lembra: “No mundo tereis aflições, mas, tende bom ânimo, Eu venci o mundo”.

Deus não nos promete ausência de problemas. O que Ele garante é Sua presença em meio às dificuldades. O salmista explica como isso acontece: “Ainda que eu ande pelo vale da sombra da morte, não temerei mal nenhum porque a Tua vara e o Teu cajado me consolam.” (Sal. 23:4).

Se o seu vale é de sombra e morte, não precisa temer. Deus, o supremo Pastor, promete Sua companhia.

Querido companheiro de ministério, nunca podemos nos esquecer de que no início

deste mesmo Salmo, Davi assegura: "O Senhor é o meu Pastor, nada me faltará." Nada pode faltar a um pastor que vive como ovelha de Cristo. Ele é o nosso pastor. Um Senhor pastor. A garantia é infalível: "Tu estás comigo." Mesmo que o vale seja escuro, de sombra e morte, o consolo é a presença do supremo Pastor Jesus Cristo, nosso Pastor.

Se existe alguém no Universo que entende de "vale da sombra da morte", este é Jesus. Aquele que ao mesmo tempo é Ovelha e Pastor.

Assim, o segredo da vida feliz de um pastor é ser ele uma ovelha de Jesus. A questão é "como ser uma ovelha num vale de sombra e morte". Os sentimentos que nos invadem nessas situações são de desespero, angústia, ansiedade e, muitas vezes, de incontável agressividade.

Fortalecidos na crise

Um grande amigo sempre dizia que "ninguém sai de uma crise da mesma forma que entrou. Ou saímos melhores ou piores". Só o poder de Deus é capaz de fazer-nos sair melhores de uma crise, tentação ou provação. Sinto-me comovido sempre que me lembro que, quando Jó afirmou "eu sei que o meu Redentor vive", ele havia perdido sete filhos, casas, bens materiais, amigos, prestígio, e estava doente, cheio de tumores, no meio das cinzas.

É impressionante lembrar que na ocasião em que Moabe e Amon se reuniram num mega-exército para destruir a Israel, a expressão do rei Josafá, "que tinha o coração cheio de temor" (II Crôn. 20:3), foi: "os nossos olhos estão postos em Ti" (v. 12).

Emociona-me pensar que quando Davi escreveu "Deus é o nosso refúgio e fortaleza, socorro bem presente nas tribulações" (Sal. 46:1), estava fugindo como um cão, de um rei mau e que estava ansioso por tirar-lhe a vida, impulsionado pela inveja.

Meu coração se enche de conforto ao pensar que quando Paulo escreveu aos filipenses "alegrai-vos sempre no Senhor, outra vez vos digo, alegrai-vos" (Fil. 4:4), ele estava velho, cansado, esquecido dos amigos e preso na terrível prisão Mamertina, em Roma.

Finalmente, Jesus, suando sangue no Getsêmani, elevou ao Pai uma prece de submissão e louvor: "Meu Pai: se possível,

passe de Mim este cálice! Todavia, não seja como eu quero, sim como Tu queres." (Mat. 26:39).

O segredo

Como esses servos de Deus, e o próprio Jesus, puderam ter sentimentos tão estranhamente positivos, em meio ao "vale da sombra da morte"?

Jó mostrou-se confiante quando não tinha no mundo em quem confiar! Josafá olhava para Deus, em vez de olhar para o tamanho do problema que teria de enfrentar no dia seguinte! Davi sentia-se protegido numa situação de insegurança! Paulo estava alegre num lugar de total tristeza! Jesus foi submisso embora falasse claramente ao Pai que gostaria de estar noutra situação!

Foi pela fé que eles conseguiram vencer. E o instrumento para abrir as portas da fé em nossa vida é o louvor. Nós só podemos confiar e ter fé absoluta em Deus, se submetermos irrestritamente nossa vontade à vontade divina; e isso implica em aceitar todos os fatos que nos acontecem, como parte do plano perfeito de Deus para nós. "Em tudo dai graças, porque esta é a vontade de Deus em Cristo Jesus para convosco." (I Tess. 5:18).

Tanto no Velho como no Novo Testamento, a mensagem é uma só: o espírito de louvor e adoração a Deus é a porta para as soluções que o Céu tem para nossas inquietações na Terra.

Grande parte do nosso problema deve-se ao fato de termos feito muitas orações de súplicas e poucas orações de louvor. Precisamos elevar a Deus mais orações de louvor. Bem poderíamos dizer, por exemplo, "Senhor, não sei por que isto está acontecendo comigo, mas, mesmo sem entender, louvo o Teu nome em meio a esta situação indesejável". Ou, quem sabe, "Senhor, não consigo ter respostas para minhas indagações. Mas, pela fé, aceito com resignação o que está acontecendo comigo agora. Louvo-Te por isto. Adoro-Te com todo o meu coração". Isso é viver pela fé.

O louvor não é um instrumento para fortalecer a nossa vontade, mas é um recurso divino que transfere nossos problemas, ansiedades e angústias para a gerência de Deus. Temos facilidade para entender o plano de Deus para nós, quando as respostas são "boas", segundo a nossa von-

tade, nosso gosto e nossas opiniões. Mas quando acontece diferente do que desejamos, somos tentados a pensar: "Será que Deus ouviu minha oração? Será que esta é, realmente, a resposta de Deus para meus problemas?"

Não se trata de louvar a Deus pela desgraça em si mesma, mas em meio a ela. A Bíblia nos afirma que "todas as coisas contribuem juntamente para o bem" (Rom. 8:28).

Mesmo sem termos "evidências" ou "certeza" de que um limão vai transformar-se em limonada, não podemos nos esquecer que "se Deus é por nós, quem será contra nós?" (Rom. 8:31). "Quem nos separará do amor de Cristo?" (Rom. 8:35). Gosto disto: "nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as potestades, nem o presente, nem o porvir, nem a altura, nem a profundidade, nem alguma outra criatura nos poderá separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus nosso Senhor." (Rom. 8:38 e 39).

Convite ao descanso

Nosso problema é que muitas vezes somos mais pastores que ovelhas. Deus quer que Seus pastores sejam Suas ovelhas. Jesus, o supremo Pastor é também uma ovelha perfeita. Conhece a trilha da prova e da dor. Passou pelo "vale da sombra da morte". Porisso mesmo, nos compreende e jamais nos abandona. Ele tem a solução perfeita para nossos problemas, "segundo Sua vontade".

E faz-nos um maravilhoso convite de fé: "Vinde a Mim todos vós que estais cansados e oprimidos e Eu vos aliviarei." (Mat. 11:28). Esse convite inclui quem não conhece a Jesus como seu Salvador pessoal, mas também inclui os pastores, ovelhas de Deus, por Ele comissionados para apascentar Seu rebanho terrestre. O convite de Cristo é muito pastoral e extremamente pessoal. É mais que uma promessa; é uma certeza. Se formos a Jesus quando tivermos cansados e oprimidos, Ele nos aliviará.

Sim, Deus sempre tem uma solução maravilhosa para todo e qualquer problema. Uma solução à Sua maneira. E essa maneira, muitas vezes, é estranha e incomum mas funciona. Para Jó, os bens materiais e a família foram devolvidos em dobro. Josafá experimentou a vitória quando os levitas

cantores louvaram em alta voz ao Senhor, na linha de frente da guerra. Para Davi, o trono e a realeza foram a consequência da fé e confiança nutridas em seu Pastor. No entanto, Jesus e Paulo sofreram a morte e a humilhação, como resultado do regozijo e da submissão.

Final feliz

Segundo a visão humana, imediatista, a vida de louvor nem sempre tem um "final feliz". Mas, do ponto de vista divino, olhando além do que é terreno e passageiro, pensando em vida eterna e salvação, todas as pessoas anteriormente mencionadas foram vitoriosas, mesmo tendo passado pelo sofrimento, por ansiedade, angústia, solidão, humilhação e morte. No momento em que os fatos aconteciam em suas vidas, sem dúvida, necessitaram de muita fé para aceitar que Deus tinha um plano perfeito e estava atuando em seu favor.

Não nos esqueçamos. Solidão em meio à crise jamais representou um problema para quem vive uma vida de confiança no Deus eterno.

A Palavra de Deus, que é rica em sabedoria e verdade, nos fala: "Entrega o teu caminho ao Senhor, confia nEle e o mais Ele fará." (Salmo 37:5). Às vezes, entregamos o nosso caminho ao Senhor, outras vezes chegamos até a confiar nEle, mas quando Ele realiza "o mais", todo o resto, questionamos se é Deus quem realmente está agindo.

Ovelha feliz vive submissa ao Pastor mesmo que "ande pelo vale da sombra da morte". Jesus promete consolo na dor e no sofrimento. Ter um pastor faz toda a diferença para a vida de uma ovelha.

Você deseja ser um pastor bem sucedido? Pense em ser ovelha de Cristo. Totalmente. Talvez você seja uma ovelha muito inteligente, esperta, cheia de iniciativa, vontade e ímpeto. Ou frágil, desanimada, atrasada, enferma, rebelde. Não há problema. Jesus o conhece muito bem, e quer fazer-lhe perfeito.

Tudo o que Ele espera é que O louvemos em tudo. Sua palavra promete que há poder no louvor. Há regozijo, esperança, fé, amor e divina paz no louvor. Que o Senhor nos faça ovelhas do Seu redil. Somente assim seremos pastores realmente capazes de apascentar o Seu rebanho na Terra.

CELEBRAÇÕES

VEJA AS DATAS DOS PROJETOS SOL E REVIVE

* **SÃO PAULO, SP**
GINÁSIO DE ITAPECERICA DA SERRA
30 DE ABRIL A 7 DE MAIO

* **RIO DE JANEIRO, RJ**
GINÁSIO DO MARACANÃZINHO
12 A 19 DE JUNHO

* **PONTA GROSSA, PR**
GINÁSIO DE ESPORTES
20 A 27 DE AGOSTO

* **SÃO LEOPOLDO, RS**
GINÁSIO DE ESPORTES
28 DE AGOSTO A 4 DE SETEMBRO

* **BELÉM, PA**
ESTÁDIO DO PAISSANDU
14 A 17 DE SETEMBRO

* **BOA VISTA, RR**
GINÁSIO DE ESPORTES
21 A 24 DE SETEMBRO

* **SALVADOR, BA**
ESTÁDIO DA FONTE NOVA
14 A 16 DE OUTUBRO

BIBLIOTECA DO PASTOR

COMO OBTER ÊXITO NA COMUNICAÇÃO DO EVANGELHO



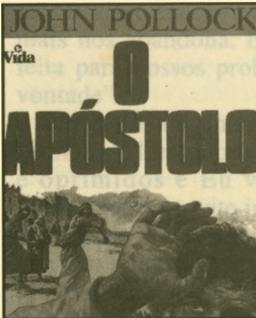
Alice Jardim,
Editora Vida, São
Paulo; 124
páginas.

A verdadeira evangelização é muito mais do que distribuir folhetos, dirigir cultos e realizar estudos bíblicos. O que o Senhor realmente

deseja de nós é que comuniquemos espírito e vida, de tal modo que o ouvinte venha a ser transformado pelo nosso testemunho.

A leitura deste livro o conduzirá à fascinante descoberta de que os métodos modernos de comunicação já eram amplamente empregados por Deus, no Antigo Testamento, e por Jesus, no Novo Testamento.

O APÓSTOLO



John Pollock,
Editora Vida, São
Paulo; 301
páginas.

Muitos procuram fazer uma imagem mental de Paulo – o indefinível pequeno judeu –, cuja vida e mensagem têm influenciado dezenove séculos.

Com a finalidade de realçar o drama da vida de Paulo e sua personalidade profundamente humana, John Pollock tira diretamente das Escrituras cada diálogo e descrição. Como fundamento dos tocantes detalhes da vida do apóstolo, o autor apresenta ricas informações históricas, colhidas em suas pesquisas nas terras bíblicas e em documentos confiáveis dos principais estudiosos do mundo do Novo Testamento.

EXPRESSÃO DE AMOR



Documentário para videocassete, produzido pela GBM - Som e Imagem Ltda. Narração do Pastor Robson Marinho.

Cada flor mostra a forma simples como Deus nos ama. Cada momento de

quietude, cada sentimento de paz e cada pensamento de pureza são uma bênção para o homem. Deus nos brindou com verdes campinas, matas, colinas, riachos, límpido céu, ar fresco e puro; enfim, muitas coisas que fazem a Terra ainda parecer quase um paraíso.

Podem ser usados em momentos de meditação pessoal, e programações devocionais.

Solicite-o à GBM - Som e Imagem Ltda., Av. Felipe Puerto Carrilho, 222; Jardim IAE; CEP 05890-000, São Paulo, SP.

A VERDADE PARA O TEMPO DO FIM



George Vandeman,
Programa Está
Escrito.

Série de 18 estudos bíblicos, produzida em sete fitas para videocassete e disponível também em lições impressas. Com sua maneira

peculiar, o Pastor Vandeman explica, entre outros assuntos, a origem do homem, o milenar problema do pecado e do sofrimento, e aponta o único caminho para a salvação.

Faça seu pedido através da Caixa Postal 1800; CEP 20001-970, Rio de Janeiro, RJ, ou pelo telefone (021)284-9090.